



ARIANY ANDRIOLO PEDROSO

**O CONCEITO DE DESEJO NO PENSAMENTO INICIAL DE
SIGMUND FREUD**

LAVRAS-MG

2022

ARIANY ANDRIOLO PEDROSO

O CONCEITO DE DESEJO NO PENSAMENTO INICIAL DE SIGMUND FREUD

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do curso de Filosofia, para a obtenção do título de Licenciada.

Profª. Dra. Léa Carneiro Silveira
Orientadora

LAVRAS – MG

2022

*À minha mãe Elaine por ser meu porto seguro e por me apoiar
em todas as etapas da minha vida.
Ao meu pai Carlos pelo exemplo de garra e por todo o amor a
mim destinado.
Dedico*

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Lavras (UFLA) e ao Departamento de Ciências Humanas (DCH), pela oportunidade concedida para a realização da graduação.

À professora Dra. Léa Silveira, pelo apoio, dedicação, paciência, amizade e generosidade durante toda a graduação e orientação.

Aos professores do Departamento de Ciências Humanas da UFLA pelos ensinamentos e amizade.

Aos meus pais, Elaine e Carlos, e à minha irmã, Inara, pelo amor e apoio genuíno e incondicional.

Aos meus avós Argemira, Evanilda (in memoriam), João, ao meu tio Eduardo, à minha madrinha Fernanda, pelo carinho, atenção e suporte durante toda a minha vida e, principalmente, durante minha graduação.

Ao companheiro, João Pedro, pelo suporte, incentivo e amor.

Ao amigo de curso Júlio, pela motivação, amizade e companheirismo durante a graduação.

Às amigas conquistadas durante a graduação, Alessandra, Luana, Lucas, Sandra, pelo apoio e companheirismo durante essa jornada.

RESUMO

O presente trabalho possui como objetivo analisar o caminho traçado no pensamento freudiano para apresentar a definição de desejo e a forma como ele se relaciona ou influencia os demais processos psíquicos. Ao longo da pesquisa, abordaremos a concepção de aparelho psíquico tal como ela aparece na chamada primeira tópica freudiana e buscaremos compreender as relações traçadas por Freud entre desejo e sonho, buscando indicar, nessa relação, o lugar da censura. Analisaremos também o modo como o desejo e sonho comparecem no relato de caso de histeria conhecido como “caso Dora”.

Palavras-chave: desejo; aparelho psíquico; sonho; histeria.

SUMÁRIO

PARTE 1 - MONOGRAFIA

1. Introdução	7
2. A concepção de desejo na primeira tópica freudiana	11
2.1 A experiência de satisfação no Projeto de uma psicologia	15
3. A concepção de desejo no sonho	24
4. A relação entre desejo e histeria	58
5. Considerações finais	76
6. Bibliografia	78

PARTE 2 - PLANO DE CURSO

Plano de curso	80
Estrutura do plano de curso	82
Referências	90

1. Introdução

Um dos principais objetivos da metapsicologia freudiana é compreender as psicopatologias e, com isso, desde o *Projeto*¹, Freud trabalha o conceito de desejo e o modo de sua atuação no aparelho psíquico. Para a compreensão desse movimento, trabalharemos com a primeira teoria da estrutura e funcionamento do aparelho psíquico, a origem dos sonhos, a experiência de satisfação, a construção e o trabalho do sonho, através da obra *A interpretação dos sonhos*².

A argumentação inicia na explicação do aparelho psíquico que, na primeira tópica, é dividido por Freud em três sistemas: o consciente, o pré-consciente e o inconsciente. O consciente comporta uma pequena parte do psiquismo e não possui uma exatidão sobre a sua função, aponta Freud. O psicanalista compreende esse sistema um “órgão sensorial” das percepções e essas percepções podem provir de informações externas ou internas ao corpo.

O pré-consciente trabalha como uma barreira entre os sistemas inconsciente e consciente, selecionando qual conteúdo poderá alcançar a consciência. Então, o conteúdo presente no pré-consciente é inconsciente em um sentido não sistemático, ou seja, pode alcançar a consciência.

O inconsciente, segundo Freud, abarca um conteúdo recalcado. O conteúdo excluído da consciência pelos processos psíquicos de censura e recalque é alojado no inconsciente, ou seja, esse material não é lembrado, mas não está perdido, pois se aloca no inconsciente. Freud propõe que é no inconsciente que aspectos da personalidade, fonte de energia psíquica e as pulsões se encontram.³

Na tentativa de compreensão dos sonhos, Freud cita a importância de ir além do conteúdo exposto pelo sonho, procurando o motivo de sua aparição e de que maneira ele se dá. No texto, o psicanalista apresenta a divisão de dois conteúdos presentes no sonho. O primeiro diz respeito ao pensamento latente, responsável pelas representações e desejos que se manifestam de maneira disfarçada. O segundo corresponde ao conteúdo manifesto, ou seja, o conteúdo que aparece de maneira explícita no sonho. Freud, portanto, define o trabalho do

¹ FREUD, S. (1895). *Projeto de uma psicologia para neurólogos*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

² FREUD, S. (1900) “A interpretação dos sonhos”. Volume 4. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

³ FREUD, S. op. cit., 1900. p. 591

sonho como a transformação do pensamento latente para o conteúdo que se manifesta.⁴

Deslocamento, condensação, representabilidade e elaboração secundária são artifícios do trabalho do sonho para que ocorra a censura onírica e para o disfarce dos desejos que comparecem nos sonhos⁵.

No sonho, segundo Freud, o agente responsável pela estimulação é o desejo, que pressiona para ser realizado.⁶ Os sonhos, portanto, são realizações de desejos de maneira disfarçada, tendo em vista o papel da intervenção da censura do psíquico, à qual foram sujeitos no decorrer da elaboração.

O sonho é dividido por Freud em duas classes. A primeira diz respeito aos sonhos com os desejos sendo realizados de maneira exposta e a segunda, aos sonhos em que os desejos são realizados de maneira velada. Em grande parte dos sonhos infantis, os desejos são expostos explicitamente, sem censura.⁷

Para o psicanalista, o sonho possui três classes de desejo. A primeira corresponde aos desejos conscientes do dia anterior e que não foram efetivados. A segunda corresponde aos desejos conscientes do dia anterior que, no entanto, foram travados pelo pré-consciente. A terceira corresponde aos desejos inconscientes, que não dizem respeito ao dia anterior, mas sim, desejos despertados durante toda a existência e originados na infância. De todos os desejos citados, apenas os infantis são capazes de promover o sonho, pois na fase adulta, a intensidade dos desejos não é a mesma.

A hipótese trabalhada por Freud para explicar como o desejo consciente consegue ser o impulsionador do sonho é a de haver elos de semelhança entre ele e o desejo inconsciente, elos que possibilitam o trânsito da energia psíquica que, então, converge para o desejo que precisa se manifestar no sonho, reforçando-o.⁸

Os sonhos que não produzem conteúdos prazerosos também são efetivações de desejo, revela a análise freudiana.⁹ Os desejos recalçados não conseguem realizar-se, visto que isso seria constrangedor. Eles entram no sonho através da assistência do investimento contínuo dos incômodos encontrados posteriormente.

⁴ FREUD, S. op. cit., 1900. p. 353

⁵ FREUD, S. op. cit., 1900. p. 318-381

⁶ FREUD, S. op. cit., 1900. p. 381

⁷ FREUD, S. op. cit., 1900. p. 603

⁸ FREUD, S. op. cit., 1900. p. 607

⁹ FREUD, S. op. cit., 1900. p. 609

Esse tipo de sonho é denominado sonho de punição, pois há o desejo do agente de se castigar pelo desejo recalcado não integrado, não acolhido pela consciência. A formação desse sonho, diz Freud, se dá pelo desejo punitivo que procede contra o desejo recalcado.

No entanto, para explicar por que somente o desejo é o impulsionador do inconsciente para que aconteça o sonho, se faz necessário entrar na explicação de Freud a respeito da natureza psíquica dos desejos, sendo trabalhada através do modelo já formulado sobre o aparelho psíquico.

Na obra *Projeto de uma psicologia para neurólogos*¹⁰, Freud aponta que o ser humano possui duas inclinações para seus movimentos e ações. O primeiro é concebido pela função primária, responsável pelo descarregamento, por meio muscular, de energia acumulada através dos estímulos ambientais.

A função secundária é composta pelas necessidades endógenas como a fome, a respiração e a necessidade sexual. Nesse sentido, os neurônios necessitam descarregar essa quantidade recebida das necessidades através de uma ‘ação específica’, porém essa ação se dá inicialmente de forma alucinatória.

Freud traz na *interpretação dos sonhos* a definição de processo primário e secundário. No processo primário, de modo geral, há a alucinação do objeto, contendo, portanto, a lembrança do objeto. No processo secundário, o objeto não é alucinado, mas sim real. Existe, pois, uma confusão entre o não-real e o real no primeiro tipo de processo e, no segundo, a capacidade de pensar o objeto, estabelecendo vínculo com a realidade.

Ambos os processos mencionados acima possuem o objetivo de busca do prazer, então, o componente mais importante, que origina todos os processos psíquicos é o desejo.

[...] toda a complicada atividade de pensamento que se desdobra da imagem mnêmica até a produção da identidade perceptual mediante o mundo exterior representa apenas um *rodeio* para a *realização do desejo*, que a experiência tornou necessário. O pensamento não é outra coisa senão o substituto do desejo alucinatório, e, se o sonho é uma realização de desejo, isso se torna evidente, pois nada além de um desejo pode impelir nosso aparelho psíquico a trabalhar.¹¹

Trata-se de compatibilizar a recepção de novos estímulos com o primeiro objeto que causou a satisfação e, a partir dela, tentar repetir a experiência de alívio. Portanto, o

¹⁰FREUD, S. (1895). *Projeto de uma psicologia para neurólogos*. Trad.sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

¹¹FREUD, S. op. cit., 1900. p. 619.

pensamento é um caminho para realizar desejos e concomitantemente, o sonho é um espaço para buscar essa experiência de satisfação.

Freud mostra que há um vínculo entre os sintomas e a formação dos sonhos, pois se originam dos mesmos processos psíquicos. Dois pontos são importantes para essa equiparação. O primeiro demonstra a frequência com que os pacientes narravam seus sonhos durante as sessões de tratamento, o que sempre ajudava no entendimento de como o sintoma fora criado. O segundo ponto é o fato de que a resistência do paciente nas interpretações dos sonhos aparece do mesmo modo que a resistência nas interpretações dos sintomas. Freud supõe, então, que sonhos e sintomas compartilham algo da mesma ordem.¹²

Mezan, em *Freud: A Trama dos Conceitos*, mostra como a investigação do aparato psíquico é mais fácil pelo sonho com relação à neurose. O sonho é mais simples e mais fácil de ser analisado e, por não ser uma formação patológica, permite uma abertura maior sobre a investigação das formações psíquicas.¹³ Na formação do assunto a ser exposto no sonho, segundo Freud, os pensamentos oníricos podem sofrer alterações e distorções. Isso ocorre pois o desejo que seria manifesto no sonho de maneira explícita se trata de um desejo recalçado. Portanto, o papel desempenhado para censurar esse desejo se refere a uma defesa antecedente.

Na obra *Análise fragmentária de uma histeria “O caso Dora”*¹⁴, temos a prática da utilização do sonho como um sintoma da histeria, a fim de auxiliar o tratamento da paciente. Diante do quadro clínico de Dora, com os sintomas de dispneia crônica, tosse nervosa e a perda da voz, os relatos dados por ela e pelo pai, enfatizando a relação com a família K., Freud apoia-se em dois sonhos relatados pela garota, a fim de compreender quais seriam os desejos infantis recalçados. Com esse aparato, o percurso feito nessa pesquisa mostrará a importância do sonho como ferramenta no tratamento proposto por Freud e o papel fundamental do desejo em todo o processo psíquico, iniciado desde a infância.

¹² Freud, S. “On the History of the Psycho-analytica Movement”, Standard Editions, XVI, p. 16. Citado por Mezan, “Freud: A Trama dos Conceitos”, ed. Perspectiva, 4ª edição, 2008, p.18.

¹³ MEZAN, R. Freud: A Trama dos conceitos. Ed. Perspectiva, 4ª edição, 2008, p. 75, 76.

¹⁴ FREUD, S.(1901-1905) Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”). Volume 6. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

2. A concepção de desejo na primeira tópica freudiana

O desejo é um dos conceitos mobilizados na metapsicologia freudiana e um dos aspectos principais do aparelho psíquico. Através da noção de desejo, Freud consegue explicar alguns processos que ocorrem no domínio do psiquismo.

Para compreender a inserção do conceito de desejo na metapsicologia freudiana, se faz necessário iniciar a discussão no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*¹⁵, no qual está presente a construção metapsicológica sobre os sonhos apresentada por Freud. O desenvolvimento do capítulo VII viabiliza explicar a primeira teoria da estrutura e do funcionamento do aparelho psíquico. Essa teoria foi baseada em suas pressuposições presentes no *Projeto de uma psicologia*¹⁶, um texto rascunho em que Freud elabora o primeiro esquema do aparelho psíquico que, no entanto, não foi publicado em vida.

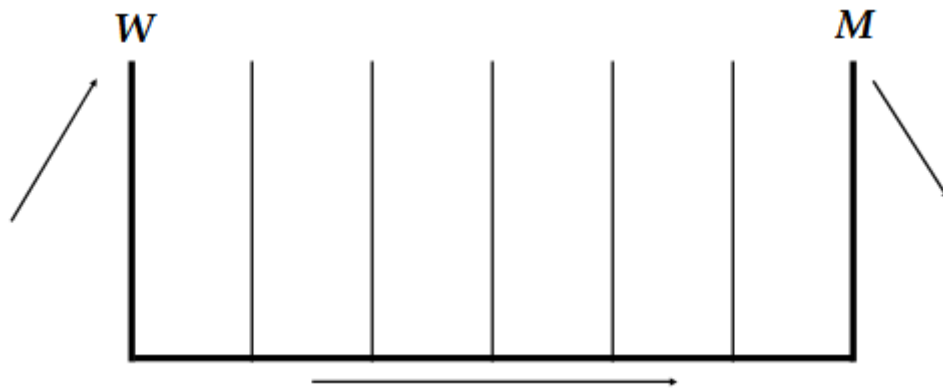
Neste capítulo será exposta a primeira tópica construída por Freud, seguindo pela experiência de satisfação e suas implicações, passando pelos processos primário e secundário e concluindo com uma introdução à ideia de recalque, formulada pelo psicanalista.

Freud constrói a hipótese de o aparelho ser dividido em *instâncias* ou *sistemas* que se organizam de acordo com uma direção específica da circulação da energia psíquica: ela se inicia nos estímulos, sejam eles externos ou internos, e termina em inervações. Nos extremos do aparelho encontram-se os sistemas sensível e motor, os quais são responsáveis, respectivamente, pela percepção e pela motilidade. Normalmente o sistema psíquico realiza-se da extremidade sensível para a motora, segundo o modelo do arco reflexo mencionado no *Projeto*.

Figura 1 – Primeiro esquema gráfico do aparelho psíquico

¹⁵ FREUD, S. (1900) *A interpretação dos sonhos*. Volume 4. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

¹⁶ FREUD, S. ([1895]1950) *Projeto para uma psicologia científica*. Em: STRACHEY, J. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. v.1. *Standard edition*, 1966.
Daqui por diante, nos referiremos a esse texto apenas com a palavra “*Projeto*”.

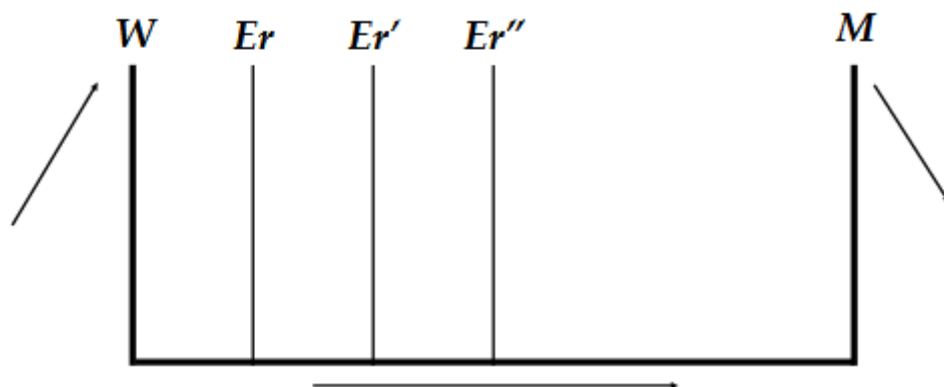


Legenda: W = percepção; M = motilidade

Fonte: Freud (1900/2019)

Através das percepções que passam pelo aparelho psíquico, alguns traços mantêm-se. Esse traço é chamado de “traço mnêmico” e a função vinculada a ele é a “memória”. A “associação” acontece pelo fato de que essas percepções podem se relacionar entre si na memória. Ela tem lugar por causa da diminuição na resistência, na qual as vias são facilitadas, permitindo assim a passagem de excitação de um elemento mnêmico para outro. Contudo, Freud diz que, através de um exame mais preciso, é notório que a mesma excitação é gravada de formas diferentes. Ele supõe que, no primeiro sistema mnêmico, necessariamente haverá a associação de simultaneidade, mas nos sistemas mais afastados, a excitação será gravada conforme as possíveis coincidências, proximidades ou similaridades.

Figura 2 – Segundo esquema gráfico do aparelho psíquico



Legenda: Er = Traço mnêmico; Er', Er'' = diferentes traços mnêmicos

Fonte: Freud (1900/2019)

Uma observação importante feita por Freud é que o sistema de percepções não possui capacidade de preservar modificações, não tem memória, mas apenas traz à consciência as sensações. As lembranças, diferentemente, são inconscientes em si mesmas e podem vir a ser conscientes. É relevante citar que o caráter, segundo o psicanalista, é fundamentado nos traços mnêmicos das impressões contidas pelo aparelho psíquico, principalmente as impressões infantis, que possuem grande impacto e dificilmente são trazidas à consciência.¹⁷

No *Projeto*, “ ω ”, “ ϕ ” e “ ψ ” são as denominações para os neurônios no modelo do aparelho psíquico. A letra “ ω ” representa os neurônios responsáveis pela percepção, sensação. A letra “ ϕ ” representa os neurônios que possuem passagem livre para as quantidades de energia, representadas pela letra Q. Por fim, os neurônios ψ são responsáveis pela resistência da passagem de Q e responsáveis pelos processo de memória. Como explica Garcia-Roza,

Os traços mnêmicos são em si inconscientes, embora possam tornar-se conscientes. Enquanto inconscientes, não possuem nenhuma qualidade, posto que esta é uma propriedade do sistema ω (sistema percepção-consciência) e não do sistema ψ . Pode parecer estranha, neste momento, a referência aos sistemas ψ , ϕ e ω , designações típicas dos sistemas que compõem o modelo do Projeto de 1895, quando estamos tratando do modelo teórico apresentado na *Traumdeutung*. No entanto, é o próprio Freud quem, no capítulo 7, fala da impossibilidade de incluirmos nos sistemas ψ a memória juntamente com qualidade para a consciência. O sistema ψ é fundamentalmente um sistema mnêmico, cabendo ao sistema ω a consciência e a qualidade.¹⁸

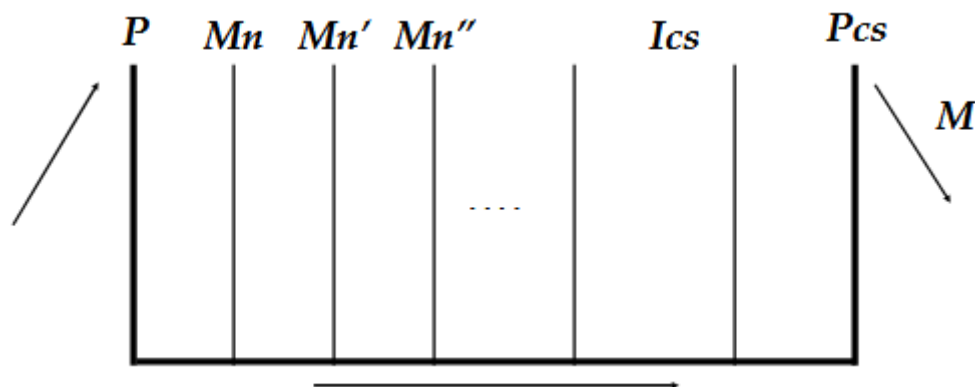
O aparelho possui também uma instância crítica, que trabalha como uma proteção entre o que é criticado e a consciência. Ela tem a função de guia para a vida de vigília, definindo as ações voluntárias e conscientes.

O nome dado a essa instância é pré-consciente, sistema no qual os processos de excitação podem alcançar a consciência, dependendo do cumprimento de certas exigências. O sistema que fica atrás do pré-consciente é o inconsciente, e só consegue alcançar o consciente através do pré-consciente, caso no qual o processo de excitação sofrerá alterações.

Figura 3: Terceiro esquema gráfico do aparelho psíquico

¹⁷ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 590

¹⁸ GARCIA-ROZA, L. *Introdução à metapsicologia freudiana 2: A interpretação dos sonhos*. Ed. 8. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 159.



Legenda: P = percepção; Mn = sistemas mnêmicos; Ics = Sistema inconsciente; Pcs = sistema pré-consciente; M = motilidade

Fonte: Freud (1900/2019)

Centralizando a observação sobre a consciência, percebem-se alguns problemas para definir com exatidão sua função. Freud a classifica como “um órgão sensorial para a percepção de qualidades psíquicas”. O sistema Cs possui semelhanças com o sistema Pcs, pois ambos são excitáveis e não possuem memória.

Enquanto o indivíduo está acordado, excitações de duas áreas diferentes são recebidas pelo sistema Cs: do perímetro do aparelho psíquico, isto é, do sistema Pcp, e das excitações de prazer e desprazer, provenientes do próprio deslocamento interno de energia. A fonte de excitação de prazer e desprazer é responsável pela qualidade psíquica quase que de maneira exclusiva.

Os processos do sistema psi, responsáveis pela memória no *Projeto*, não possuem qualidade e, portanto, não são objetos da consciência. No entanto, o sistema psi adquire traços de qualidade através do envolvimento com o sistema mnêmico dos signos de linguagem. Então a consciência não se trata de um órgão sensorial unicamente para percepções, mas também para uma área do desenvolvimento do pensamento.¹⁹

Como já mencionamos, no esquema do aparelho psíquico há uma barreira entre o Pcs e o Cs. Então, lembra Caropreso (2008) que, com restrição às percepções e sensações de prazer e desprazer, somente processos relacionados à palavra, que possuem uma intensidade e que atravessam a barreira entre Pcs e Cs, seriam capazes de atingir a consciência.²⁰

¹⁹ GARCIA-ROZA, L. *op. cit.*, p. 203.

²⁰ CAROPRESO, F. *Representação, atenção e consciência na primeira teoria freudiana do aparelho psíquico*. Nat. hum. v.10. n.1 São Paulo jun. 2008. p. 67.

Sobre as representações incapazes de alcançar a consciência, Caropreso diz que Freud situa nesse núcleo os desejos que se deram durante o processo primário. Esse processo ocorre quando o indivíduo está em estado de desejo e, através da lembrança de um objeto que atende esse desejo, ocorre uma satisfação de modo alucinatorio. Esse conceito será abordado e desenvolvido no decorrer do capítulo. Nas palavras de Caropreso:

Freud também esclarece, no capítulo 7, que tipo de representações comporiam o psíquico insuscetível de consciência: não apenas o reprimido - ou seja, representações que foram incorporadas ao sistema pré-consciente, mas acabaram sendo excluídas deste sistema por terem se tornado desprazerosas -, como também moções de desejo que não chegaram a ser incorporadas ao processo secundário, devido ao estabelecimento tardio desse processo.²¹

Freud, em *Projeto de uma psicologia* (1895)²², trabalha na criação da teoria de uma “experiência de satisfação”, modelo que estruturaria os processos e funcionamento psíquico normais. Na obra *A interpretação dos sonhos*, Freud desenvolve um raciocínio na mesma linha do *Projeto* com relação a esse ponto, articulando o que seria essa vivência de satisfação e o desejo que provém dela.

2.1 A experiência de satisfação no *Projeto de uma psicologia*

É importante retomar aqui o modo como esse ponto aparece no *Projeto*. Os neurônios²³ em ψ , quando se encontram cheios, tendem à descarga através da via motora, com o intuito de obter o alívio de tensão, que Freud supõe corresponder ao prazer. Freud aponta que a via motora a ser seguida inicialmente é a responsável por provocar a alteração interna, com o objetivo de alcançar o alívio, como a manifestação de emoção. Contudo, essa descarga não resulta no alívio esperado, uma vez que o estímulo endógeno não para e seu seguimento recompõe a tensão em ψ . Então, para que o estímulo seja suprimido, é necessária uma interferência para que a descarga de Q, ou seja, a descarga da quantidade de energia no interior do corpo seja interrompida momentaneamente. Essa interferência é causada por um estímulo externo, e essa ação específica possui um modo característico para se efetivar, dado que, inicialmente, o corpo humano não consegue realizá-la. Essa ação ocorre com o auxílio de uma pessoa experiente, quando inclina sua atenção para um estado infantil, fornecendo as

²¹ CAROPRESO, F. *op. cit.*, p. 61

²² FREUD, S. ([1895]1950) *Projeto para uma psicologia científica*. Em: STRACHEY, J. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. v.1. *Standard edition*, 1966.

²³ Importante lembrar que a representação citada por Freud em *A interpretação dos sonhos* é denominada neurônio no *Projeto*.

condições para a descarga, que ocorre pela via de alteração interna. Essa via de descarga, então, obtém a função secundária, e os motivos morais presentes no ser humano provêm, segundo Freud, desse desamparo que tem lugar no início da vida.²⁴

Então, muitos fatores são envolvidos para que a ação específica ocorra. O primeiro é o pensamento de um objeto desejado, seguidamente a lembrança de uma experiência de satisfação e ainda as lembranças do movimento físico que promoveu essa experiência originalmente. Os passos seguintes são: a descarga de Q, a mudança interna, a experiência de satisfação, e então é alcançada a ação específica. Esse processo é importante, segundo Freud, para o desenvolvimento do aparelho psíquico. Ele proporciona o exemplo mais importante do significado de um princípio elementar no processo psíquico que Freud denomina a aprendizagem associativa, responsável por estabelecer o primeiro vínculo com outras pessoas, implementando a vida moral.

Posteriormente à ação específica ser efetivada pela pessoa externa para o desamparado, ocorre uma preparação desse mesmo desamparado, através do dispositivo reflexo, para desempenhar interiormente o processo eliminatório do estímulo endógeno. Todo esse decurso culmina na experiência de satisfação, que se efetiva em três passos que têm lugar no sistema. O primeiro é a descarga que elimina a incitação de desprazer. O segundo é a ocupação de um ou mais neurônios devido à percepção do objeto. No terceiro, há a divulgação da mensagem de eliminação que se segue à ação específica. Uma facilitação se forma entre neurônios nucleares e ocupações.

A facilitação e o modo como ocorre, citado anteriormente, propicia mais informações sobre ψ . Freud já havia relatado que os neurônios em ψ são orientados pelas vias endógenas e que esses mesmos neurônios são separados por fortes bloqueios. Segundo Freud, há uma lei de associação por simultaneidade, responsável por todas as associações entre neurônios em ψ , lei que se aplica em suas atividades e lembranças reprodutivas. Ele escreve:

Nós verificamos que a consciência - isto é, a catexia quantitativa de um neurônio, - passa para outra - caso e tenham estado, em algum momento, catexizadas simultaneamente a partir de ϕ (ou de alguma outra parte). Desse modo, uma barreira de contacto ficou facilitada pela catexia simultânea -. Daí se conclui, nos termos da nossa teoria, que uma Q passa mais facilmente de um neurônio para um neurônio catexizado do que para um não catexizado.²⁵

²⁴ FREUD, S. *op. cit.*, ([1895]1950). p. 193.

²⁵ FREUD, S. *op. cit.*, ([1895]1950). p. 194.

O investimento de energia do segundo neurônio, então, trabalha de forma igual a um investimento ampliado no primeiro. Após essa afirmação, Freud percebe que o investimento está relacionado ao curso de Q, proporcionalmente à facilitação. Aqui o psicanalista delimita o segundo ponto significativo sobre o caminho que uma Q transita, pois essa Q não seguirá apenas o caminho com barreiras mais fáceis de serem ultrapassadas, mas também um caminho distinto que esteja previamente investido. Há casos em que há o fortalecimento bilateral e, em outros, contraposição entre esses dois pontos.

Através da efetivação da experiência de satisfação, uma facilitação é formada entre duas imagens mnêmicas e os neurônios nucleares são investidos com caráter de urgência. Concomitantemente à dissipação de satisfação, Q também não permanece nas imagens mnêmicas, ocorrendo sua dispersão. Quando o desejo ou a condição de urgência surge novamente, o investimento é levado para essas duas lembranças, e assim, elas são ativadas novamente; nesse processo, a lembrança do objeto de satisfação será a primeira impactada pela incitação do desejo. Na *Interpretação dos sonhos*, a experiência de satisfação é descrita do seguinte modo:

Um elemento essencial dessa vivência é o aparecimento de certa percepção (do alimento, nesse exemplo), cuja imagem mnêmica, a partir de então, fica associada ao traço mnêmico da excitação criada pela necessidade. Tão logo essa necessidade volta a se manifestar, ocorre, graças ao vínculo estabelecido, um impulso psíquico que procura investir novamente a imagem mnêmica da percepção e suscitar de novo a própria percepção, ou seja, reproduzir a situação da primeira satisfação. Um impulso desse tipo é o que chamamos de desejo [...].²⁶

A ativação do desejo, no âmbito primário, provoca uma alucinação, como se houvesse uma percepção real do objeto. Ao ser inserida, posteriormente, a ação reflexa, ocorre o desapontamento.²⁷

Em suma, a experiência de satisfação tem como objetivo suprir uma necessidade. Um exemplo é o alimento responsável por suprir a necessidade da fome. Essa vivência provoca, inicialmente, a eliminação do desprazer, através da inscrição da satisfação de estímulos endógenos no sistema de memória. Em seguida, tem lugar a formação da ligação do sistema de memória com o sistema de percepção que recebe o estímulo externo, o objeto de satisfação. Por fim, é investida a representação do movimento reflexo executado,

²⁶ FREUD, S. *op. cit.*, (1900). p. 617-618.

²⁷ FREUD, S. *op. cit.*, ([1895]1950). p. 194.

investimento por meio do qual, através da facilitação formada, o processo excitatório ocupa as representações em ψ . Caropreso (2009)²⁸ enfatiza que “Esta tendência para investir as representações de objeto é o que Freud chama de “desejo”.”. Através da facilitação, a ocupação da representação do objeto de desejo é excessiva, provocando a alucinação. No exemplo da criança que está com fome, a sucção é alucinada e, em seguida, isso causa uma frustração, de modo que o bebê se encontra em situação de desamparo. Para que o bebê não alucine com a amamentação, mas sim a efetive para sua sobrevivência, é fundamental que esse processo sofra alterações, para que a representação do desejo não seja preenchida demasiadamente, proporcionando a diferenciação entre memória e percepção; ou seja, a passagem do processo primário para o processo secundário.

Voltando ao capítulo VII, o caminho feito pelas representações, imaginado por Freud, se inicia pela representação com meta, isto significa que essas representações possuem um propósito e, partindo dela, uma quantidade de energia de investimento, ou seja, uma grandeza de excitação, se encaminha pelas vias associativas determinadas pela representação. Essas associações entre as representações não são aleatórias, segundo o psicanalista, em razão de que não existiria nenhuma associação entre representações sem uma representação-meta.

O caminho do pensamento “negligenciado” ocorre pelo fato de não ter recebido o investimento. No caso do pensamento “suprimido” ou “rejeitado” é recebido o investimento, porém ele é retirado. Eles dois são deixados às suas excitações particulares. O “sobreinvestimento” é realizado pela consciência quando o curso de pensamento investido com meta consegue despertar a atenção dela.²⁹

Um curso de pensamento induzido no pré-consciente pode se manter ou desaparecer. No caso do desaparecimento, ele ocorre pela propagação da sua energia em todos os sentidos relacionados a ele, promovendo às correntes apenas uma posição de excitação, sendo posteriormente anulado na medida em que a excitação se descarrega, convertendo-se em investimento.

No entanto, há sempre no pré-consciente outras representações com meta, originadas dos desejos inconscientes, que se mantêm em estado de alerta. Essas representações podem apossar-se das excitações presentes no conjunto de pensamentos entregues a si próprios,

²⁸ CAROPRESO, F. *Dor e desejo na teoria freudiana do aparelho psíquico e das neuroses*. Rev. Filos. Aurora, Curitiba, v. 21, n. 29, p. 569-590, jul./dez. 2009. p. 572.

²⁹ FREUD, S. *op. cit.*, p. 647.

conduzem a conexão entre o pré-consciente e o desejo inconsciente e transferem a energia do desejo inconsciente para esse sistema, condicionando assim, o curso do pensamento reprimido para se manter, apesar de esse suprimento não ser suficiente para atingir a consciência. Freud então aponta que esse curso de pensamento pré-consciente foi arrastado para o inconsciente.³⁰

Para compreender o recalque, Freud relembra os pontos principais já citados para traçar esse conceito. Inicia-se na hipótese de um aparelho psíquico que possui como objetivo livrar-se o máximo possível das excitações e evitar que elas se concentrem. A motilidade é a principal forma de aliviar essas excitações. Posteriormente, Freud apontou a experiência de satisfação e seus efeitos psíquicos e, em seguida, o modo como o acúmulo de excitação é percebido como desprazer e, conseqüentemente, ativa uma vez mais o aparelho para que seja reproduzido o resultado de satisfação, na qual essa eliminação de excitação acarreta a sensação de prazer. Essa corrente que parte do desprazer e vai em busca do prazer é o desejo, segundo o psicanalista. O desejo é o elemento capaz de movimentar o aparelho psíquico e esse movimento trabalhado pelas percepções de prazer e desprazer é o responsável pelo alívio das excitações. O primeiro desejo, supõe Freud, provém de uma alucinação investida da lembrança de satisfação. Contudo, essa alucinação não pode ser prolongada até o esvaziamento da excitação, pois assim o desejo será realizado, mas a necessidade não será suprida.³¹

Essa problemática colocou em cena a necessidade da atividade de um segundo sistema que pudesse impedir o investimento de lembrança de alcançar a percepção, que ocasiona uma ligação entre as energias psíquicas, mas direciona a excitação causada pela necessidade, através da motilidade voluntária, causando a modificação do mundo externo de forma que exista uma percepção autêntica do objeto causador da satisfação.

A hipótese do segundo sistema, proposta por Freud, sinaliza que sua atividade atua por sondagens que enviam e retiram investimento; nesta atividade de sondagem, o aparelho precisa ter à sua disposição todo o seu conjunto de lembranças. No entanto, seria um consumo desnecessário lançar muitos investimentos nos vários caminhos de pensamento, que se dissipariam de formas desiguais, o que causa, como resultado, a diminuição da quantidade essencial para promover a alucinação. Portanto, Freud propõe que esse segundo sistema consegue manter em repouso a maioria dos investimentos de energia, sendo capaz, assim, de

³⁰ FREUD, S. *op. cit.*, p. 648.

³¹ FREUD, S. *op. cit.*, p. 652.

destinar uma pequena parte de energia para o deslocamento, mesmo não sabendo explicar como esse sistema funcionaria.

Os aspectos centrais desses sistemas são os seguintes: o primeiro trabalha para a livre descarga de excitação, enquanto o segundo, através de seus investimentos, traz a interdição dessa descarga e a converte em investimento quiescente, investimento esse que é responsável pela retenção de uma parcela da excitação nas representações, ou seja, o estado de fluxo livre passa para um estado de repouso. Há a suposição, então, de que o percurso da excitação no sistema secundário seja diferente do que ocorre no primeiro, reconhece Freud.

Quando a atividade no segundo sistema é finalizada, a inibição e a barragem que contêm as excitações também se encerram, promovendo, desse modo, a descarga na motilidade.

Existe uma ligação entre a barreira contra a descarga do segundo sistema e a sistematização que acontece no princípio do desprazer. Para explicar isso, Freud aborda a *vivência externa do susto*³², complementar à vivência de satisfação primária. A demonstração se inicia com a ideia de um estímulo perceptual que atinge o aparelho psíquico, e esse estímulo é a origem de uma excitação de sofrimento. A partir disso, várias manifestações motoras surgem de formas aleatórias e desalinhadas e uma delas absorve esse estímulo perceptual e, conseqüentemente, a dor; em acontecendo a percepção novamente, a dor se repete instantaneamente, como uma forma de fuga, até que essa percepção desapareça. O processo primário não tem como objetivo investir novamente nesta percepção de dor, mas sim o contrário: ele é predisposto a abandonar essa fonte dolorosa se ela for despertada, visto que o fluxo de excitação para a percepção iria ocasionar o desprazer.

A lembrança, que se trata de uma repetição da evasão anterior da percepção, é facilmente retirada pelo fato de, ao contrário da percepção, não ter a qualidade satisfatória para excitar a consciência. Esse distanciamento que ocorre de forma simples e estável perante a lembrança de dor é, sustenta Freud, um primeiro exemplo de recalque psíquico.³³

O primeiro sistema, conforme o princípio do desprazer, não é capaz de acolher em seus pensamentos algo penoso. O sistema psíquico que se organiza do modo primário apenas deseja. Diante disso, o pensamento do segundo sistema não seria possível, visto que ele

³² FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 654.

³³ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 654.

necessita ter à sua disposição todas as lembranças. Freud observa então duas alternativas para esse sistema: ou o trabalho dele não mantém o princípio do desprazer, fazendo seu processo com indiferença relativamente às lembranças de dor, ou ele investe de algum modo essa lembrança de desagrado para que contenha a liberação do desprazer. A primeira hipótese foi rejeitada, em razão de que o segundo sistema possui como intermediação do curso de excitação o princípio do desprazer. A pressuposição, portanto, é de que o investimento trazido pelo segundo sistema transporta de forma síncrona uma interdição da descarga de excitação, pelo princípio do desprazer e o menor uso de inervação.

O processo psíquico contido no primeiro sistema é nomeado *processo primário* e o processo que acontece através do bloqueio pelo segundo sistema é nomeado *processo secundário*.³⁴ Freud dá outro indicativo de outro objetivo do processo secundário para retificar o primeiro. O primeiro sistema procura descarregar por completo a excitação contida, promovendo assim uma *identidade de percepção* através da vivência de satisfação. Já o sistema secundário procura outro caminho, ele não quer trazer a *identidade de percepção*, mas sim, a *identidade de pensamento* através da vivência. O pensamento é produzido pela lembrança da satisfação³⁵, que é apoderada como representação meta, com o investimento idêntico ao da lembrança, que será atingida novamente através da motilidade.

Os nomes “primário” e “secundário” que Freud dá aos processos psíquicos foram elaborados pensando na posição de cada sistema e em seus respectivos desempenhos, mas não somente, ele também considerou a ordem cronológica. Seu relato traz a impossibilidade de existir um aparelho psíquico com apenas o processo primário. Mas, sabe-se que o processo primário se faz presente no aparelho desde o início, ao passo que o processo secundário evolui de forma sucessiva, de acordo com o passar da vida, impedindo e excedendo-se, com o intuito de possuir o comando total do aparelho, havendo a possibilidade de alcançar esse objetivo apenas no ponto máximo da vida³⁶.

Pelo fato de o processo secundário surgir posteriormente no aparelho psíquico, a essência do aparelho, que é constituída pelos impulsos dos desejos inconscientes, é impossibilitada de ser assimilada e inibida pelo pré-consciente, restringindo sua atuação em apenas apontar os devidos caminhos para o impulso do desejo inconsciente. Outra

³⁴ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 655.

³⁵ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 656.

³⁶ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 657.

consequência desse surgimento posterior do processo secundário é a não submissão do material mnêmico, em sua maioria, ao investimento pré-consciente.

Esses desejos inconscientes representam, para todos os esforços psíquicos posteriores, uma coerção a que têm de se submeter e que podem tentar desviar e dirigir para metas mais elevadas.³⁷

Juntamente dos desejos infantis, que não são inibidos e nem desfeitos, encontram-se os desejos em que sua realização é contraditória em relação às representações com meta do pensamento secundário. Portanto, a efetivação do desejo causaria desprazer. É essa mudança do afeto que compõe a estrutura do que Freud chama de recalque.

Essa mudança de afetos acontece durante o desenvolvimento e está conectada ao trabalho do processo secundário. As lembranças em que o desejo se baseia e dispõe o afeto não podem ser alcançadas pelo pré-consciente e, por essa razão, o afeto proveniente dessa lembrança também não pode ser inibido. Esses afetos também são responsáveis pelo acesso negado dessas representações aos pensamentos pré-conscientes, aos quais seria transferido o desejo. O princípio do desprazer, em sua execução, promove o afastamento do pensamento de transferência do pré-consciente, deixando-o, portanto, entregue a si próprio, “reprimido”. Está em jogo aqui a parcela de lembrança infantil que, afastada do *Pcs*, é o requisito prévio para o recalque.³⁸

Então, o percurso tratado até aqui foi: a introdução da metapsicologia freudiana, apontando a primeira tópica e mostrando o primeiro modelo do aparelho psíquico, apresentado no capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos* e no *Projeto*. Em seguida foram apontados os passos citados por Freud para que aconteça a experiência de satisfação, que busca suprir uma necessidade e foi observado que essa tendência de investir as representações de objeto é o desejo para o psicanalista. Posteriormente, foi exibido o curso do pensamento e mencionado que o pensamento “negligenciado” não recebe investimento. Logo após, o texto se dirige para a corrente de desprazer para o prazer, movimento esse que corresponde ao desejo, segundo Freud. Seguimos no processo primário, no qual acontece alucinação investida da lembrança, de modo que o desejo é realizado, mas a necessidade não é suprida. No processo secundário, uma parcela das excitações é retida, evitando, assim, a alucinação. Nesse caminho, a vivência externa do susto, complementar à vivência de satisfação primária, foi apresentada e, através dessa apresentação, Freud mostra o primeiro exemplo de recalque. Esse

³⁷ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 657.

³⁸ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 658.

conceito, que foi brevemente introduzido, será desenvolvido no próximo capítulo, juntamente com o conceito de desejo presente no sonho.

3. A concepção de desejo no sonho

Retomando a ideia de recalque exposta no fim do capítulo anterior – na qual os desejos infantis vão contra as representações com meta e assim são recalcados, pois o sentimento não seria mais de prazer, mas sim de desprazer –, será feita uma associação com o que Freud chama de censura e mostraremos por que ela é pré-condição para o recalque para, assim, iniciar o percurso sobre a interpretação dos sonhos, como ela se dá e qual a função do desejo no sonho.

Freud coloca o sistema inconsciente como o impulso para a formação dos sonhos, que segue para o pré-consciente até atingir a consciência. Quando o ser humano está em estado de vigília, há uma barreira entre o pré-consciente e a consciência, denominada censura, a qual priva os pensamentos oníricos de atingirem o sistema consciente. Durante o sonho, essa barreira diminui sua resistência, contribuindo assim, para a passagem do pensamento onírico para a consciência. Isso acontece porque, no sonho, o caminho da excitação é inverso, ou seja, não se direciona para a extremidade motora do aparelho psíquico, mas para a extremidade sensorial, atingindo, portanto, o sistema sensorial.³⁹

Fazendo o elo entre a censura psíquica, o sonho e a repressão, percebe-se que o psicanalista estrutura o argumento em que mostra que o sonho, possibilitado pela queda de resistência da censura, prova que aquilo que é recalcado continua a existir e é capaz de desempenho psíquico, pois o sonho é uma forma de manifestação desse conteúdo recalcado, uma vez que o conteúdo do sonho se encontra no *Ics* e o material censurado também.

Para compreender como Freud chega a essa conclusão sobre o sonho e seu conteúdo, precisamos fazer um percurso a partir dos primeiros capítulos da obra *A interpretação dos sonhos*, na tentativa de traçar a linha de todo o argumento que levou o autor a esse ponto.

Logo no primeiro capítulo, Freud mostra que alguns estudiosos já trabalhavam sobre o sonho. Na tentativa de compreendê-lo, o relacionavam com a vida de vigília, com as lembranças, vinculavam-no com os estímulos sensoriais internos e externos durante o sono, com outros estímulos internos e com estímulos psíquicos.⁴⁰

³⁹ FREUD, S. (1900) *A interpretação dos sonhos*. Volume 4. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 592.

⁴⁰ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 46.

No capítulo seguinte, Freud inicia a ideia da interpretação dos sonhos com base em métodos científicos com o objetivo de comprovar que os sonhos possuem significados.⁴¹ O processo inicia quando ele trabalha sobre algumas formações psicopatológicas com o intuito de solucioná-las.

Durante esse estudo, os pacientes do psicanalista lhe relatavam todas as associações de pensamentos com determinado tema, a pedido dele. Em resposta, os pacientes começaram a relatar seus sonhos e assim Freud fica diante da interpretação dos sonhos. Ele passa, então, a entender o sonho como um sintoma e aplica nele o método de interpretação de sintomas. Para que seja possível essa interpretação, o paciente precisa de certo preparo psíquico, a partir do qual ele consegue atentar-se de modo mais amplo às percepções psíquicas e desviar-se da crítica que barra alguns pensamentos. Iremos acompanhar como Freud organiza o sonho para que haja a interpretação.

Após adormecer, as “representações involuntárias” surgem, pois determinada ação crítica que se coloca nas representações é diminuída, propiciando essa passagem. Essas representações, portanto, se tornam imagens visuais e sonoras.

O passo inicial do procedimento é não analisar o sonho como um todo, mas sim, as peças desse conteúdo. Ao perguntar a um paciente a que o sonho lhe remete, provavelmente este não consegue fazer nenhuma associação. Sendo assim, o foco é fragmentar partes desse sonho para que o paciente consiga fazer as associações que Freud denomina como “pensamento de fundo” desses fragmentos de sonho. Para o desenvolvimento da interpretação dos sonhos, o psicanalista recorre aos próprios sonhos, os quais são de uma pessoa comum e mostram situações cotidianas.⁴²

No segundo capítulo da obra, o sonho modelo do texto *A interpretação dos sonhos* é exposto pela primeira vez, mas o psicanalista recorrerá a esse sonho em outros momentos para explicar os tópicos apresentados posteriormente. Irei apresentar os fragmentos desse sonho e as análises, trabalhadas por Freud, para que visualizemos por qual motivo o psicanalista reconhece o desejo como o instigador principal desse sonho.

Freud havia tratado psicanaliticamente Irma, uma jovem senhora. O tratamento não alcançou o sucesso total devido a uma indicação não aceita pela paciente, de modo que o

⁴¹ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 132.

⁴² FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 135.

tratamento foi interrompido. Ao conversar com o seu amigo Otto, Freud perguntou a este sobre o estado de Irma, já que seu amigo a visitara recentemente. Otto diz que ela está melhor, mas não que não havia se recuperado totalmente. Freud se irrita com a notícia ou com o tom da voz de Otto ao dar a notícia e não sabe ao certo o porquê desse sentimento. Nesse mesmo dia, à noite, o psicanalista escreve para o Dr. M., a pessoa de maior autoridade no campo, sobre o caso clínico de Irma, na intenção de se justificar. Nessa mesma noite, Freud tem um sonho e o anota ao amanhecer.

Sonho de 23/24 de julho de 1895

Um grande salão – muitos convidados que recebemos. – Entre eles Irma, que imediatamente chamo de lado, como que para responder à sua carta e para recriminá-la por ainda não aceitar minha “solução”. Digo a ela: “Se ainda sente dores, é exclusivamente culpa sua”. – Ela responde: “Se você soubesse quantas dores eu sinto agora na garganta, no estômago e no ventre – elas me sufocam”. – Eu me assusto e olho para ela. Parece pálida e inchada; penso que talvez eu não esteja reconhecendo algo orgânico. Levo-a até a janela e examino sua garganta. Ela resiste um pouco, semelhante às mulheres que usam uma dentadura artificial. Penso comigo mesmo que ela não precisaria fazer aquilo. – Então ela abre a boca adequadamente, e à direita descubro uma grande mancha branca; em outro lugar vejo, em estranhas formações crespas, que evidentemente, tinham como modelo os ossos turbinados do nariz, extensas crostas cinzentas esbranquiçadas. – Chamo rapidamente o dr. M., que repete e confirma o exame... A aparência do dr. M. é muito diferente da de costume; está muito pálido, manca, e o queixo está sem barba... Agora, meu amigo Otto também está ao lado dela, e o meu amigo Leopold a ausculta através do corpete e diz: “Ela tem uma área amortecida embaixo, à esquerda”; ele indica também que uma parte da pele no ombro esquerdo está infiltrada “algo que, como ele, também consigo sentir, apesar do vestido” ... M. diz: “Não há dúvida, é uma infecção, mas não importa; virá ainda uma desinteria, e o veneno será eliminado..”. De imediato, também sei qual a origem da infecção. Recentemente, quando ela se sentiu indisposta, o amigo Otto lhe aplicou uma injeção com um preparado de propil, propileno...ácido propiônico... TRIMETILAMINA (vejo essa fórmula em negrito diante dos meus olhos) ... Esse tipo de injeção não se aplica levianamente... Também é provável que a seringa não estivesse limpa.⁴³

Para a análise do sonho, Freud fez recortes para investigá-lo de modo separado e concluir, ao fim, a interpretação.

O salão – No sonho, Freud diz que o salão remete a uma casa em Bellevue, na qual passara o verão. Ele complementa que, nessa casa, havia salas em formatos de salões e que

⁴³ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 139.

sua esposa fazia uma festa de aniversário no local e, por isso, aguardavam muitos amigos, inclusive Irma.

Recrimino Irma por não ter aceitado a minha solução; digo: “Se ainda sente dores, é exclusivamente culpa sua”. Freud acredita que possa ter dito isso a Irma em estado de vigília. Quando o sonho ocorreu, o psicanalista adotava uma postura que, no decorrer dos anos ele modificou, de apenas encarar sua função com o objetivo de passar ao paciente os significados ocultos dos sintomas. Se esse paciente acatava ou discordava do que Freud enunciava, isso faria total diferença no tratamento. Freud não encarava como sua responsabilidade lidar com esse problema. Então, ele sinaliza que o sonho talvez queira colocar a culpa das dores que Irma ainda sente, nela mesma, suprimindo sua responsabilidade.

Assusto-me ao pensar que tenha ignorado uma afecção orgânica. Freud compreende que as dores de Irma são decorrentes de um problema orgânico. Assim ele mesmo não teria culpa pelo estado da paciente, pois sua tarefa seria tratar apenas a histeria. Nesse momento, o psicanalista percebe que há a possibilidade de que ele deseje que o diagnóstico de Irma esteja errado, o que não o tornaria responsável por Irma não estar curada.

Levo-a até a janela para examinar sua garganta. Ela resiste um pouco, como as mulheres que usam dentes falsos. Analisando esse trecho, Freud se lembra de uma amiga de Irma, a qual se posicionou na janela, quando ele a visitara, da mesma forma que o sonho reproduzira. Seu médico era o dr. M., para quem ela possuía uma placa diftérica, da mesma forma em que ocorrera no sonho. Ele também associa difterite à sua filha mais velha que também teve a doença. Freud suspeitava que essa mulher seria histérica, pois Irma já havia lhe falado sobre isso. A única informação que o psicanalista tinha era que essa amiga de Irma sofria de sufocação histérica, o mesmo sintoma de Irma no sonho. Ou seja, Irma fora substituída por sua amiga no sonho de Freud.

Pálida, inchada, dentes falsos são traços que Freud não consegue associar a Irma e sua amiga. Então, ele se recorda de uma terceira pessoa, que também não é sua paciente. Esta pessoa costuma ficar pálida e, em certa ocasião, estivera inchada, segundo Freud. Ele então percebe que comparou Irma a duas pessoas que possivelmente rejeitariam o tratamento. O psicanalista suspeita de que possivelmente ele quisesse trocar Irma por outra pessoa, pois a outra mulher demonstrava mais simpatia por ele, ou ele acredita que ela seja mais inteligente por aceitar o tratamento. Ao contrário, Irma não seria inteligente o suficiente para acatar a

solução fornecida por Freud. *A boca se abre facilmente*, esse trecho demonstra que a outra mulher cederia mais que Irma.

As crostas presentes nas cavidades nasais fazem com que Freud recorde de um problema com sua própria saúde devido ao uso constante de cocaína. Ele recorda que dias antes do sonho recebera a notícia de uma paciente que fazia o uso de cocaína e desenvolveu uma necrose na mucosa nasal. Além disso, um amigo íntimo de Freud falecera por conta do uso exacerbado da droga.

Chamo rapidamente o dr. M., que repete o exame. A palavra “rapidamente” chama a atenção de Freud, que o remete a uma intoxicação de uma paciente pelo uso do medicamento “sulfonal”, recomendado por ele. O psicanalista recorre ao seu amigo dr. M. para que o ajudasse. A paciente veio a falecer e ela possuía o mesmo nome da filha mais velha de Freud. Ele não havia feito essa associação até então. Freud percebe, então, que ele está tentando se repreender por conta das suas falhas com seus pacientes.

O dr. M. está pálido, sem barba no queixo, e manca. Esses traços recordam o irmão mais velho de Freud, o qual costuma barbear o queixo e está manco em decorrência de uma infecção no quadril. O psicanalista acredita que, por estar aborrecido com os dois por motivos parecidos, isso o fez confundir ambos em seu sonho.

Meu amigo Otto está agora ao lado da paciente, e meu amigo Leopold a examina e indica um amortecimento embaixo, à esquerda. Leopold era médico também, parente de Otto. Ambos são formados na mesma especialidade, portanto, são concorrentes. Eles trabalharam com Freud durante um tempo. Os dois possuíam personalidades diferentes. Um era mais rápido, o outro, mais lento e minucioso. Freud considera a presença dos dois no sonho com uma comparação parecida com Irma e sua amiga, na qual a amiga era considerada mais inteligente pelo psicanalista.

Uma parte da pele infiltrada no ombro esquerdo. Esse ponto se refere ao próprio Freud, pois ele possui reumatismo no ombro. Há outra frase dita no sonho – *“algo que também consigo sentir”* – que reforça a ideia de que esteja se referindo a Freud, ou seja, ele consegue sentir algo do próprio corpo.

O dr. M. diz: É uma infecção, mas isso não importa. Virá ainda uma disenteria, e o veneno será eliminado. Centralizando seu comentário, inicialmente, nas palavras “*não importa*”, Freud diz que elas remetem a um modo de consolo, dado que a paciente está com

uma grave afecção orgânica. Então, o sonho manifestaria que Freud não teria culpa por sua paciente estar com dores, visto que são orgânicas e não psíquicas. O psicanalista se envergonha por causar, em seu sonho, uma doença grave em sua paciente para se livrar da culpa por Irma não estar totalmente curada. Freud acredita ter indicado o dr. M. para fazer esse prognóstico risível e consolador, pois o dr. M. não acredita em seu tratamento para curar Irma. Então, em seu sonho, consegue se vingar de Irma, por suas dores serem somente culpa dela, e consegue se vingar do dr. M., colocando-o com o responsável por um prognóstico absurdo.

Quando ela se sentiu mal, o amigo Otto lhe aplicou uma injeção. Esse trecho faz com que Freud se recorde de que Otto lhe contara que, quando estava passando um tempo na casa da família de Irma, fora chamado para aplicar uma injeção em uma pessoa que estava se sentindo mal em um hotel próximo.

Com um preparo de propil...propileno...ácido propiônico. Freud se recorda de sua esposa abrindo uma garrafa de licor, presente de Otto. O aroma desse licor era forte e Freud não quis tomá-lo. O cheiro de aguardente, que possui como composto (amil...)⁴⁴, faz com que o psicanalista associe a nomenclatura a propil, metil⁴⁵, o que o sonho utilizou de informação.

Trimetilamina. Essa substância faz alusão a um amigo de Freud que lhe comunicara um trabalho que estava desenvolvendo sobre química sexual e que acreditava que na trimetilamina havia um componente do metabolismo sexual. Essa informação fez com que o psicanalista relacionasse essa substância com a sexualidade e sabe-se que Freud desenvolve seu trabalho conferindo uma grande importância à sexualidade, pois ela seria significativa no desenvolvimento das disfunções psíquicas tratadas pelo psicanalista. Freud recorda que sua paciente Irma e sua amiga, que a substitui no sonho, são viúvas, o que é mais uma relação a ser destacada.

Esse tipo de injeção não se aplica levemente. Nesse trecho, Freud tenta uma acusação a Otto, no sonho. Isso se deu por Freud sentir que seu amigo estaria contra ele, através de palavras e olhares que lhe eram direcionados na tarde, antes de o sonho acontecer.

É provável também que a seringa não estivesse limpa. Freud percebe mais uma acusação a Otto no sonho, mas a origem é diferente da primeira. Antes do sonho, Freud havia

⁴⁴ Amil é um dos compostos da aguardente.

⁴⁵ Propil e metil são nomes de hidrocarbonetos.

encontrado um filho de uma mulher de 82 anos, em quem ele aplicava duas doses de morfina diariamente, antes de ela ir para o campo. O filho dessa senhora conta a Freud que ela está com flebite e o psicanalista logo pensou em uma possível infiltração com uma seringa suja. A flebite leva o pensamento de Freud a sua esposa, a qual teve trombose durante a gravidez, o que lhe recorda de três situações parecidas com sua esposa, com Irma e com sua filha falecida, Mathilde. Essas situações semelhantes propiciaram o fato de o sonho substituí-las entre si.

Freud conclui a interpretação do seu sonho. Durante o percurso, ele compreende o “sentido” do sonho.

Notei uma intenção realizada pelo sonho, que deve ter sido a motivação para sonhá-lo. O sonho realiza alguns desejos que haviam sido despertados pelos eventos da noite anterior (a notícia de Otto, a redação do caso clínico). O resultado do sonho é que eu não sou culpado pelas dores persistentes de Irma, que o culpado é Otto.⁴⁶

O sonho, segundo Freud, representa os acontecimentos conforme o indivíduo os deseja. O conteúdo de um sonho e sua motivação, portanto, é o desejo, a realização desse desejo.⁴⁷

Garcia-Roza (1993) salienta que, através do sonho da injeção de Irma, Freud consegue iniciar a justificativa de que há uma racionalidade no inconsciente e, dada essa racionalidade, há uma estrutura desejante nesse sistema. Nas palavras de Garcia-Roza:

Contrariamente àqueles que julgavam que a noção de inconsciente somente poderia conduzir ao lugar do mistério e do irracional, Freud começa a nos revelar, a partir do sonho da injeção de Irma, a racionalidade do inconsciente. O que aterrorizava Freud não era a irracionalidade do inconsciente, mas precisamente a sua racionalidade. Frente ao irracional e ao instintivo nada temos a fazer senão, na medida do possível, conter seus efeitos indesejáveis; frente a um inconsciente estruturado, desejante e dotado de uma racionalidade própria, aquilo com o que temos de nos defrontar é com a carga desse desejo.⁴⁸

Após a análise feita no segundo capítulo de *A interpretação dos sonhos*, Freud conclui que o sonho possui sentido, não é absurdo, não se dá através de uma parcela de representações em suspenso, enquanto a outra é despertada. O sonho é um fenômeno psíquico, é a realização de um desejo. Essas são as considerações apontadas no início do terceiro capítulo da obra.

⁴⁶ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 151.

⁴⁷ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 152.

⁴⁸ GARCIA-ROZA, L. *Introdução à metapsicologia freudiana 2: A interpretação dos sonhos*. Ed. 8. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 78-79.

Nesse ponto da argumentação de Freud inicia-se a ideia de que o sonho é motivado por desejo. O que iremos analisar posteriormente é como o psicanalista desenvolve seu trabalho para embasar a tese em que todos os sonhos, contém como principal causador, o desejo.

Seguindo, então, neste terceiro capítulo, Freud delimita como passo seguinte descobrir se o desejo é uma característica de todos os sonhos ou apenas do sonho modelo, o qual foi exposto anteriormente.

Nesse ponto da obra, percebemos que Freud já considera que alguns sonhos são realizações explícitas de desejo. Um exemplo de sonho fornecido por ele relaciona-se à situação em que, ao jantar, o indivíduo come algo muito salgado, de modo que, à noite, ele ficará com sede e essa sensação o acordará. Mas esse despertar virá de um sonho em que ele realiza o desejo de beber água e a sua necessidade é satisfeita. Então a motivação do sonho é a sede, a qual ocasiona o desejo de beber e o sonho realiza esse desejo. O sonho, nesse caso, substitui a ação em estado de vigília. A necessidade de tomar água para aplacar a sede não pode ser substituída pela ação, mas a necessidade de Freud de se vingar dos amigos Otto e dr. M. é possível. De qualquer forma, nos dois casos, há um desejo que é mobilizado.

Freud cita outro sonho, produzido em um momento que estava com sede. Antes de se deitar, ele sente sede e toma um copo de água. Ao adormecer, a sede volta. Então, o psicanalista sonha que sua esposa lhe dá um vaso com água; o vaso é uma urna cinerária que ele trouxe da Itália. A água estava salgada, por conta das cinzas, e essa sensação de sabor o fez despertar do sono. Ele evidencia como o sonho foi estruturado de forma diferente do primeiro, mas seu objetivo é o mesmo, a realização de um desejo. A urna também é a realização de um desejo, posto que o gosto salgado que vem dela, o obriga a acordar e satisfazer sua vontade de beber água.

Esses sonhos são denominados *sonhos de comodidade* por Freud e eram recorrentes em sua juventude. Outro exemplo desse tipo de sonho é fornecido por Freud, no qual ele cita sua dificuldade de acordar cedo, dado o trabalho até tarde da noite anterior. Então, muitas vezes, sonhava que estava acordado e de pé no lavatório e, somente depois de um tempo, percebia que estava dormindo e ainda assim continuava a dormir mais um pouco.

O sonho de inércia, como o exemplo dado acima, é relatado por um amigo de Freud, que possuía dificuldade de acordar cedo. A anfitriã da pensão em que esse amigo morava tinha a ordem de acordá-lo todos os dias para que ele pudesse ir ao hospital. Em um dia, a

anfitriã o acorda dizendo que ele precisava se levantar para ir ao hospital. Então ele sonha que estava em um hospital, deitado em uma cama com uma placa que dizia “Pepi H... *cand. med.* 22 anos”. No sonho ele reflete consigo mesmo que já não havia motivo para acordar, já que estava no hospital, e continua seu sono. Nota-se de modo explícito a motivação do sonho do amigo de Freud.

Em outros sonhos de pessoas saudáveis que serão apresentados a seguir, também são fáceis as identificações de desejos, mostra Freud. Um amigo do psicanalista, que conhecia sua teoria sobre os sonhos, lhe contou um sonho que sua esposa teve, no qual ela estava menstruada. Logo Freud percebe a motivação do sonho. A menstruação da esposa de seu amigo havia atrasado, portanto ela sonha com a menstruação por conta de um desejo de aproveitar um pouco mais sua liberdade antes de assumir o compromisso da maternidade. A esposa de outro amigo também conta a Freud um sonho parecido. Ela sonha que está com sua camisola com manchas de leite. Freud percebe o anúncio de gravidez presente no sonho, porém o desejo retratado no sonho é o de a mãe possuir mais leite para a segunda gestação do que tivera na primeira.

Esses exemplos de sonhos são trazidos pelo psicanalista para provar que, em várias situações, os sonhos podem ser entendidos como realizações explícitas de desejos; eles são, em sua maioria, sonhos simples.

Freud suspeita de que os sonhos infantis, por se tratar de sonhos mais simples, são puras realizações de desejos e não são enigmáticos como os sonhos de adultos, sendo, por isso, pouco interessantes, nas palavras dele. Contudo, são importantes os sonhos infantis para provar que o sonho é uma realização de desejo. Freud, então, expõe alguns sonhos de seus filhos.⁴⁹

Dois sonhos, um de sua filha de oito anos e outro de seu filho de cinco anos, aconteceram no período de uma excursão que fizeram a Hallstatt, diz Freud. Uma informação importante é que a família ficou hospedada perto de Aussee, em uma colina a partir da qual conseguiam ver Dachstein quando o tempo auxiliava. Através de um telescópio, as crianças tentavam ver a cabana de Simony, relata Freud, mas não sabe se conseguiram ou não visualizá-la. Freud se recorda de contar às crianças que Hallstatt ficava aos pés do Dachstein. O filho de cinco anos, sobre toda montanha que via, questionava se seria Dachstein, e sempre a resposta era não, pois se tratava de um contraforte. Então, o garoto foi se aborrecendo. No

⁴⁹ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 160.

outro dia, pela manhã, o menino vai de encontro a Freud para lhe contar, contentemente, que conseguira estar no albergue de Simony. Portanto, o psicanalista percebe que a expectativa de seu filho, que era visualizar o albergue durante o estado de vigília, foi compensada pelo sonho, já que não conseguira realizá-la.

Para essa viagem, a família havia levado o filho de seus vizinhos, um menino educado, um cavalheiro, segundo Freud. A filha de oito anos de Freud, durante a viagem, teve um sonho para satisfazer seus desejos. Ela contou a seus familiares o sonho: “Imaginem só, sonhei que o Emil é um de nós, que ele chama vocês de papai e mamãe e que ele dorme conosco no quarto grande, como os meus irmãos. Então, a mamãe entra no quarto e joga barras de chocolate, embrulhados em papel azul e verde, sob as nossas camas”. Freud, em um primeiro momento, não entende a parte do sonho em que a mãe joga barras de chocolate, então recorre à sua esposa, que explica. No caminho da estação de trem para casa, as crianças pararam em uma máquina e pediram esse chocolate com essa cor de embrulho, porém, a mãe lhes nega o pedido, pois já havia dado a eles bastante coisas que pediram naquele dia. A outra parte do sonho, no entanto, Freud consegue entender de imediato, pois lembra que, certo dia, Emil pede para as crianças esperarem o papai e a mamãe. O sonho da garota transforma essa situação em uma adoção definitiva.

Outro sonho foi instigado em Aussee. A filha de Freud tinha três anos, na época. Ela havia feito uma travessia pelo lago, porém ficou insatisfeita pela rapidez, gostaria de passear mais um pouco, se recusou a sair do barco e chorou. No dia seguinte ela conta que passeou de barco pelo lago à noite.

Se considerada a fala durante o sono como pertencente aos sonhos infantis, o psicanalista traz mais uma exemplificação de sonho. Sua filha, aos dezenove meses de idade, havia passado mal e vomitado. Com isso, ela fica de jejum o dia todo. Ao anoitecer, Freud a escuta dizer durante o sono: “*Anna Feud, moango, moango silveste, melete, mingau.*”. Ela utilizava seu nome para mostrar a posse de algo, diz Freud. As comidas que ela relatava, seriam parte de uma refeição que ela desejava. O fato de o morango aparecer duas vezes se dá, pois sua babá dissera que seu mal-estar era por conta do consumo em excesso de morangos. Com essa afirmação, ela se vinga, através do sonho, dessa decisão aborrecedora para a garota.

Quando bendizemos a infância por ela ainda não conhecer o desejo sexual, não devemos ignorar como o outro dos dois grandes instintos

vitais podem ser uma rica fonte de decepção, de renúncia e, portanto, de estímulo para o sonho.⁵⁰

Com base nos exemplos de sonhos infantis apresentados por Freud, há a conclusão de que os sonhos de crianças são simples e explícitas realizações de desejos.

Até o momento, Freud consegue mostrar que alguns sonhos são realizações de desejos. No entanto, dizer que todos os sonhos são realizações de desejos correria o risco de ser uma generalização sem fundamentos, visto que muitos dos sonhos são desagradáveis e não possuem características de realização de desejos.

Essas objeções, contudo, não são impossíveis de serem rebatidas, relata Freud. Sua teoria não é baseada no conteúdo onírico manifesto, mas sim na interpretação do pensamento que está por trás do sonho. Freud remete *o conteúdo onírico manifesto* ao *conteúdo onírico latente*.

Garcia-Roza (1993) comenta sobre essa diferença entre os conteúdos do sonho:

O processo pelo qual os pensamentos latentes são transformados em conteúdo manifesto é denominado por Freud trabalho do sonho (Traumarbeit), e o trabalho oposto, que consiste em se chegar aos pensamentos latentes partindo-se do conteúdo manifesto, trabalho de interpretação (Deutungsarbeit) ou simplesmente interpretação (Deutung).⁵¹

Até o momento, ninguém havia tentado interpretar o conteúdo latente de um sonho de angústia. Portanto, permanece em aberto a hipótese desse tipo de sonho também possuir realizações de desejos.

O psicanalista acrescenta uma objeção à sua teoria, a fim de explicá-la.

Podemos também, a partir da discussão acima sobre o sonho, levantar uma segunda questão: “Por que os sonhos de conteúdo indiferente, que se revelam como realizações de desejos, não mostram seu sentido de forma transparente?”⁵²

Freud, então, retoma o sonho de Irma, o qual foi analisado e exposto anteriormente. Esse sonho não se mostra ser angustiante e foi comprovada a realização de desejo, através da interpretação. Essa interpretação é necessária, pois esse sonho não mostrou de forma explícita o desejo sendo realizado, nem mesmo Freud consegue perceber isso de imediato. O

⁵⁰ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 164.

⁵¹ GARCIA-ROZA, L. *op. cit.*, p. 82.

⁵² FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 169.

psicanalista nomeia essa característica do sonho de *deformação onírica*⁵³. É importante agora saber como ela se dá.

Quando o indivíduo está dormindo, não é possível que ele consiga dar expressão direta aos pensamentos oníricos. Essa suposição, porém, é descartada por Freud, dada as análises de alguns sonhos. Para isso, ele utiliza um segundo sonho seu para demonstrar essa deformação onírica.

Informações importantes para a compreensão do sonho são fornecidas por Freud preliminarmente. Em 1897, Freud descobre que seu nome foi sugerido para o cargo de *professor extraordinarius* por dois professores de alto renome. Ele se alegra com a indicação, porém não cria expectativas, pois sabe que o ministério responsável pelo cargo em questão não estava acatando essas indicações nos últimos tempos. Uma noite, Freud recebe a visita de um colega, o qual era candidato à promoção de professor há algum tempo. Certo dia, ele procura Freud para lhe contar que questionou o distinto senhor se o motivo para o atraso de sua nomeação estaria relacionado a sua ascendência judaica. A resposta recebida foi sim, que Sua Excelência não se encontrava em condições de assumir o cargo. Esse fato apenas conforma Freud com sua não nomeação, dado que também possui ascendência judaica.

Após essa visita, à noite, Freud sonha. Ele expõe, na obra, apenas a primeira metade desse sonho e justifica que a outra metade não condiz com o que ele quer retratar.

I. [...] o amigo R. é meu tio. – Tenho por ele uma grande afeição.

*II. Vejo seu rosto à minha frente, um pouco alterado. Parece alongado, tem uma barba dourada, que se destaca de modo especialmente nítido.*⁵⁴

Ao acordar, o psicanalista toma o sonho como absurdo. Mas, no transcorrer do dia, ele percebe que, quando seus pacientes dizem ser absurdos seus sonhos, normalmente estão escondendo algo sobre o que não querem tomar conhecimento, por ser algo capaz de suscitar desprazer. Portanto, Freud se dedica a interpretar o sonho. A significância aumenta quando o sonho é dito como absurdo, desinteressante pelo sonhador, reafirma Garcia-Roza:

Quanto mais trivial, disparatado e desinteressante é um elemento do sonho manifesto, e quanto mais o sonhador se recusa a fornecer associações a este elemento alegando sua desimportância, mas ele se

⁵³ “Efeito global do trabalho do sonho: os pensamentos latentes são transformados em um produto manifesto dificilmente reconhecível” LAPLANCHE & J.-B. PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1967/2008. p. 111.

⁵⁴ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 171.

mostra significativa para o trabalho de decifração, posto que são precisamente eles que poderão conduzir ao desejo inconsciente e à solução do sonho.⁵⁵

“*R. é meu tio.*”. Freud diz ter apenas um tio, Josef. Ele havia praticado um delito e fora punido pela lei. O psicanalista não considera seu tio uma pessoa má, mas sim, imbecil. Se, no sonho, seu tio é seu amigo R., então, R. é um imbecil. O rosto que Freud vê no sonho é uma mistura do rosto dos dois. Portanto, Freud percebe que acredita que R. seja imbecil, assim como seu tio.

Essa conexão foi estabelecida através de uma conversa que Freud teve com seu amigo N., que também fora indicado a professor. Contudo, esse amigo foi denunciado ao tribunal, o que deixou o ministério com um motivo para não o nomear professor. Aqui o psicanalista encontra o seu criminoso, juntamente com a motivação e interpretação do sonho. O tio Josef representa os dois amigos de Freud, tolo e delinquente. Se o psicanalista consegue atribuir outros motivos para seus amigos não conseguirem a nomeação, motivos esses que não envolvem Freud, ele consegue colocar suas expectativas na promoção.

Freud se concentra em continuar a interpretação do sonho, mas se incomoda com o fato de diminuir seus colegas para conseguir ter expectativas em conseguir, ele mesmo, o cargo de professor. O sonho apenas retrata o *desejo de que as coisas sejam assim*.

Outra pontuação, que não foi considerada pela interpretação sobre o sonho, é exposta. Freud sente um afeto caloroso quando descobre que R. é seu tio. Esse sentimento parece ser falso e exagerado, diz Freud. Esse afeto não é um conteúdo latente, se trata apenas de uma manifestação de afeto com o intuito de ocultar o conhecimento da interpretação do sonho. Freud resistiu, inicialmente, a compreender o sonho, pois nele havia algo a que o psicanalista se opunha. Após a interpretação, ele descobre que essa oposição era a ideia de que R. é um imbecil. A *deformação* que é feita no sonho possui o objetivo de *dissimular*, para que Freud não perceba que possui uma ofensa contra R.; para isso, o sentimento de afeto é posto.

Essa descoberta feita por Freud talvez seja aplicada não apenas nesse sonho, mas em todos os outros, sugerindo a hipótese de que todos os sonhos são realizações de desejos. Já vimos, através dos exemplos anteriores, que existem sonhos com realizações explícitas de desejos. Quando esses desejos são velados, provavelmente há uma defesa contra eles. por isso o desejo se expressa com deformação.

⁵⁵ GARCIA-ROZA, L. *op. cit.*, p. 83.

A hipótese trabalhada por Freud é que correntes, sistemas, são poderes psíquicos responsáveis pela composição onírica de cada pessoa, um responsável pela formação do desejo contido no sonho, e o outro responsável pela censura que atua nesse desejo. É essa censura que ocasiona a deformação do desejo. Conseguimos compreender, agora, que a questão inicial sobre os sonhos penosos serem também realizações de desejo é possível através da deformação do desejo presente no sonho.

Exposta a ideia de que existam duas instâncias psíquicas, Freud desenvolve a teoria em que o sonho possui caráter penoso para a segunda instância e, simultaneamente, há um desejo sendo realizado na primeira instância. Então, sonhos penosos também são sonhos de desejo, uma vez que o sonho é derivado da primeira instância e a segunda atua apenas em modo defensivo, não na criação do sonho.⁵⁶

Por ora, Freud finaliza essa questão, já que em outros capítulos ele retoma esse tema, mostrando que os sonhos podem ser realizações de desejos, mesmo que esses sonhos sejam penosos, pois a deformação, que esse modelo de sonho contém, atua como uma censura. O sonho, portanto, é a realização disfarçada de um desejo.

Até o momento, Freud, através do sonho de Irma, se debruçou sobre a tese do desejo contido no sonho. Durante esse processo, ele descobre a diferença entre o conteúdo onírico manifesto e o latente. Portanto, no quinto capítulo, o psicanalista trabalha sobre o material e as fontes do sonho.

Analisando o material que é expresso no sonho, Freud percebe uma constância: esse conteúdo é sempre de algo vivido no último dia, isso vale para seus sonhos expostos na obra, mas também para os sonhos de outras pessoas. Ele, então, sempre começa a interpretação do sonho com base no que aconteceu no último dia e, muitas vezes, esse modo é o mais prático. Para comprovar essa constância de conteúdo do sonho vivido no último dia, Freud expõe fragmentos de seus próprios sonhos.

1. *Faço uma visita a uma casa, onde, porém, quase não sou recebido etc.; entrementes, faço uma mulher ESPERAR por mim.*

Fonte: Conversa com uma parente à noite sobre o fato de que a aquisição que ela solicita terá de *esperar* até etc.

2. *Escrevi uma MONOGRAFIA sobre certa (indeterminada) espécie de planta.*

⁵⁶ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 180.

Fonte: Na véspera, vi na vitrine de uma livraria de uma *monografia* sobre o gênero dos cíclames.

3. *Vejo duas mulheres na rua, MÃE E FILHA, a última dos quais foi minha paciente.*

Fonte: Uma paciente que se encontra em tratamento me informou na noite anterior sobre as dificuldades que a *mãe* opõe à continuação do tratamento.

4. *Na livraria de S. e R., assino uma publicação periódica, que custa VINTE FLORINS por ano.*

Fonte: Durante o dia, minha esposa lembrou que eu ainda lhe devia *vinte florins* do dinheiro semanal.

5. *Recebo uma CARTA DO COMITÊ social-democrata, que me trata como um MEMBRO.*

Fonte: Recebi, ao mesmo tempo, *cartas* do *comitê eleitoral* liberal e da diretoria da Associação humanitária, da qual realmente sou *membro*.

6. *Um homem sobre um ROCHEDO ÍNGRIME NO MEIO DO MAR, À MANEIRA DE BÖCKLIN.*

Fonte: *Dreyfus* na *ilha do diabo*; ao mesmo tempo, notícias de meus parentes na *Inglaterra* etc.⁵⁷

O que resta saber é se os conteúdos dos sonhos são de fatos apenas do dia anterior, ou se há conteúdos de dias ou semanas anteriores também. Freud diz que percebeu que, quando os sonhos relatavam algo acontecido em dias anteriores, sempre esse fato havia sido lembrado um dia antes de o sonho ocorrer. O sonho, para Freud, se estrutura através de ocorrências “*depois das quais ainda não vivemos uma noite*”.

Para compreender a preferência do sonho por esses conteúdos vividos um dia antes, ao invés de acontecimentos do passado, Freud utiliza um sonho próprio com o intuito de criar suposições a partir da análise que fará sobre ele.

Sonho da monografia botânica

*Escrevi uma monografia sobre determinada planta. O livro está diante de mim, estou abrindo uma página com uma ilustração colorida dobrada. Cada exemplar contém um espécime da planta, semelhante a um herbário.*⁵⁸

Iniciando a análise, Freud faz algumas alusões a fatos que podem ser associados ao sonho. O primeiro é o fato de o psicanalista ter visto um livro na vitrine de uma livraria, um

⁵⁷ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 200.

⁵⁸ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 204.

dia antes do sonho, intitulado *O gênero dos ciclames*. Esse tipo de flor é o favorito de sua esposa. Ele também se recorda que, dias antes do sonho, ele conversou com os amigos sobre sua teoria de que o esquecimento está vinculado a uma intenção inconsciente. Para provar esse ponto, o psicanalista usa o exemplo de uma mulher que recebia flores de seu marido em todo aniversário seu. Em um aniversário específico, ela, no entanto, não recebe flores, e chora bastante por esse motivo. O marido questiona o choro e ela lhe diz que era seu aniversário. Rapidamente ele pede perdão por ter esquecido e vai comprar flores. Mas essa ação não é suficiente para a esposa, pois ela presume que não ocupa mais os pensamentos do marido como sempre ocupara.

Outra abordagem de análise é levantada por Freud, pois ele lembra de já ter escrito algo parecido com uma monografia sobre plantas. Ele escreveu um ensaio sobre a *coca*. No dia após o sonho, na parte da manhã, Freud havia tido um devaneio. Nesse devaneio, ele se imagina com glaucoma e, por isso, imagina que vai até Berlim e pede a um médico para que o opere na casa de um amigo. Durante a operação, o médico fala sobre como a cocaína facilitou esses modelos de cirurgia e o psicanalista não falaria ao médico sobre a sua participação nessa descoberta.

Esse devaneio remete Freud a uma vivência específica. O pai do psicanalista havia tido um glaucoma logo depois da descoberta de Koller⁵⁹. Ele foi operado por um amigo de Freud, o dr. Königstein. Quando o dr. Koller estava aplicando a anestesia de cocaína, percebe que as três pessoas que participaram da introdução da cocaína na anestesia estavam presentes.

O psicanalista recorda-se da última vez em que pensou nesse assunto da cocaína. Esse pensamento aconteceu dias antes do sonho, ocasião em que ele recebe uma publicação dos alunos, e nela está um título de honra do laboratório em que se encontra o nome do dr. Koller, pela descoberta do uso da cocaína como anestésico. No dia anterior ao sonho, Freud conversou por um tempo com o dr. Königstein. Os dois estavam conversando em um corredor quando o professor Gärtner (cujo nome tem o significado de “jardineiro” na língua alemã) e sua esposa passam por eles e Freud os parabeniza pela aparência *florescente*.⁶⁰

Freud faz mais algumas considerações sobre a interpretação desse sonho, mas não dá continuidade, uma vez que ele utiliza esse sonho apenas para exemplificar como os acontecimentos recentes influenciam no sentido do sonho. O conteúdo manifesto do sonho só

⁵⁹ Descoberta da anestesia tópica com a cocaína.

⁶⁰ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 206.

apresenta relação com um acontecimento do dia. A análise do sonho, no entanto, mostra uma conexão com outro fato vivido no mesmo dia. A primeira impressão vivida é a visualização de um livro na vitrine de uma livraria, livro cujo título não chama tanto a atenção de Freud. A segunda é a conversa com seu amigo sobre assuntos que são de interesse mútuo. Essa conversa, no entanto, foi finalizada antes do esperado, quando duas pessoas chegam.

Após essa análise sobre o sonho da monografia botânica, Freud afirma que o sonho utiliza, em sua maioria, coisas secundárias das vivências em seu conteúdo. Se utilizarmos o conteúdo latente, disponível através da análise, para ser o sentido do sonho, uma vez que Freud defende esse modo como o único correto, o psicanalista conclui uma tese importante. Sua nova descoberta situa o sonho como algo que se baseia também nos fatos importantes da vida de vigília, não somente em fatos pouco relevantes, uma vez que esses acontecimentos são apossados pelo pensamento onírico. Então o sonho traz o que nos fez refletir no dia anterior, pontua o psicanalista:

A explicação mais plausível para o fato de que, embora a impressão justificadamente excitante me tenha feito sonhar, ainda assim eu sonhe com a impressão irrelevante do dia, é provável que temos aqui, de novo, um fenômeno de deformação do sonho, que acima relacionamos a um poder psíquico que age como censura.⁶¹

Resta compreender se a fonte de estímulos do sonho vem somente de um acontecimento recente ou pode vir de uma lembrança de um fato psiquicamente importante e anterior. Freud aposta na segunda opção, pois a excitação do sonho pode vir de um processo interno que foi despertado pelo trabalho mental durante a vida de vigília. Essa afirmação se faz importante para a compreensão de que o fator instigador do sonho (desejo) pode vir de uma ocorrência psíquica anterior e, não necessariamente, recente. Através dessas conclusões, Freud cria um esquema dos possíveis modos que possibilitam visualizar as fontes dos sonhos.

- a) Uma vivência recente e psiquicamente significativa, representada diretamente no sonho.
- b) Várias vivências recentes e significativas, reunidas pelo sonho numa unidade.
- c) Uma ou várias vivências recentes e significativas, que são representadas no conteúdo do sonho pela menção de uma vivência simultânea, mas indiferente.

⁶¹ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 210.

d) Uma vivência interna significativa (lembrança, raciocínio) que então é representada no sonho, *regularmente*, pela menção de uma impressão recente, porém indiferente.⁶²

Ainda no capítulo cinco da obra, Freud coloca em destaque mais um conteúdo do sonho, que envolve impressões antigas vividas pela pessoa, às quais a memória não tem acesso quando o indivíduo está acordado. Através dessa pontuação, Freud se propõe a buscar provas de que essas impressões são da infância. Um dos modos de fazer isso é através da interpretação dos sonhos, mas há uma forma de provar a presença de elementos da infância no sonho sem a análise. Esse modelo de sonho é denominado sonho *recorrente*, que tem lugar durante a infância e continua se manifestando durante a fase adulta. Freud diz nunca ter tido essa experiência, mas traz um exemplo desse tipo de sonho. Um médico de trinta anos sempre sonhava com um leão e esse leão sempre tinha os mesmos detalhes. Certo dia sua mãe encontra um leão de porcelana, que até então estava desaparecido. Ela conta ao filho que aquele leão era o brinquedo favorito dele, durante a infância, fato esse do qual o médico não se recordava.

Através da análise dos sonhos, Freud enxerga que o desejo que provoca o sonho e a realização desse desejo no sonho provém da infância, e conclui que *a criança prossegue vivendo com seus impulsos no sonho*.⁶³ Essa tese se desenvolverá e será importante para o entendimento da presença do desejo da infância na fase adulta.

Freud retoma o sonho em que o seu amigo R. é seu tio. Continuando na interpretação desse sonho, o psicanalista tenta compreender de onde vem essa ambição de ser nomeado e de receber títulos. Ele se recorda da sua infância, de uma noite em que ele e seus pais foram jantar em um restaurante e no local havia um homem que trocava gorjetas por versos de vários temas. Foi pedido a Freud que chamasse o homem para a mesa que ocupavam. Ao chegar, o homem fala um pouco sobre Freud e diz que um dia ele se toraria “ministro”. Freud quis, por muito tempo, estudar direito. No entanto, mudou para a medicina no último momento. Na medicina não há carreira de ministro. Nesse momento, ele encontra a motivação do sonho. Freud realiza um desejo de infância, através do sonho, de ser membro de um ministério.

⁶² FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 216

⁶³ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 227.

Freud pontua que, se pudesse generalizar os pontos destacados até o momento, todo sonho expõe acontecimentos recentes no conteúdo manifesto e, no conteúdo latente, são apresentados acontecimentos mais antigos, de infância.

O sonho, parece ter, frequentemente, *vários significados*; não apenas, como mostram os exemplos, várias realizações de desejos podem nele estar reunidas, mas também é possível que um sentido, um desejo realizado encubra os outros até que, no fundo, deparamos com a realização de um desejo da primeira infância.⁶⁴

Durante a investigação sobre o sonho, Freud descobriu que no material do sonho estão presentes o conteúdo *manifesto* e o conteúdo *latente*. O que o psicanalista se propõe a fazer no capítulo VI, intitulado “*O trabalho do sonho*”, é compreender a relação entre esses dois conteúdos e analisar como um se transforma no outro.⁶⁵

Quando se trabalha sobre sonhos, percebe-se que, ao comparar o conteúdo do sonho e os pensamentos oníricos, há um *trabalho de condensação*. Normalmente, não é dada a devida importância a essa compressão, uma vez que, somente tomando como base o material onírico explícito, não se percebem os pensamentos escondidos no sonho, que apenas a interpretação é capaz de revelar, aponta Freud. Importante mencionar que o psicanalista afirma que, mesmo com a interpretação, nunca será possível ter certeza de que foram captado todos os pensamentos oníricos. Portanto, a quantidade de condensação que ocorre em um sonho é indeterminável. Garcia-Roza diz:

A condensação designa o mecanismo pelo qual o conteúdo manifesto do sonho aparece como uma versão abreviada dos pensamentos latentes. O conteúdo manifesto é sempre menor do que o conteúdo latente, sendo que o inverso não se verifica nunca, jamais o conteúdo manifesto pode ser maior do que o latente. É impossível determinar-se a cota de condensação, daí nunca se poder estar seguro quanto a ter-se interpretado um sonho exaustivamente.⁶⁶

Freud cita como exemplo o sonho da monografia botânica, analisado anteriormente, para afirmar as várias condensações que esse sonho sofreu, apesar de não ter sido mostrada toda a sua análise.

A primeira teoria, citada por Freud, sobre como aconteceria essa condensação, seria a omissão. Através dessa omissão, o sonho não projetaria de forma fiel os pensamentos oníricos, ou seja, ele teria uma representação com diferenças.

⁶⁴ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 257.

⁶⁵ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 318.

⁶⁶ GARCIA-ROZA, L. *op. cit.*, p. 92.

Freud, então, coloca um questionamento sobre o modo como o sonho determina quais elementos do pensamento onírico serão selecionados. Com a intenção de responder a essa indagação, Freud utiliza o sonho da monografia botânica.

O elemento que chama a atenção do psicanalista é a monografia botânica, advinda das vivências ocorridas no dia do sonho, que incluíam ter visto em uma vitrine de livraria uma monografia sobre “*ciclames*”. A monografia botânica relaciona-se com o estudo feito sobre a cocaína; a cocaína conecta-se com a publicação sobre os trabalhos do laboratório da universidade; essa publicação leva o pensamento de Freud a seu amigo dr. Königstein e à lembrança da conversa entre os dois que foi interrompida. A conversa é determinada, por Freud, como a instigadora do sonho, e a monografia é um ponto intermediário entre as duas ocorrências que tiveram lugar no dia anterior.

Os termos “botânico” e “monografia” vão se conectando em outros pensamentos oníricos e, cada vez mais, de modo separado. As lembranças vinculadas a “botânico” são: professor Gärtner (jardineiro) e a esposa *florescente*; uma prova da faculdade. “Botânico” é um ponto nodal de vários pensamentos que se relacionaram. A palavra “monografia” leva Freud a dois caminhos: seus estudos e o custo elevado de suas paixões.

Freud indica que as palavras “botânico” e “monografia” foram escolhidas pelo sonho por conter um maior número de vínculos com os pensamentos oníricos, com maior número de *pontos nodais*.

Vejo, então, de que tipo é a relação entre o conteúdo do sonho e pensamentos oníricos: não só os elementos do sonho são determinados várias vezes pelos pensamentos oníricos, mas também cada pensamento onírico é representado por vários elementos.⁶⁷

A formação do sonho, portanto, acontece de modo que todos os pensamentos oníricos passam por uma elaboração, na qual os conteúdos com mais e melhor sustentação são ressaltados e entram no conteúdo do sonho.

Freud utiliza o sonho da injeção de Irma para mostrar os caminhos que o trabalho da condensação percorre em um sonho.

Irma é a pessoa principal do sonho. No entanto, ela representa outras pessoas, como a lembrança de outra mulher é posta para Freud, quando ela se coloca perto da janela, mulher essa pela qual Freud gostaria de substituir Irma. A placa diftérica presente em Irma, remete à

⁶⁷ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 325.

filha do psicanalista. Irma, durante o sonho, se transforma, sem mudar a aparência, em uma das crianças que Freud e dois amigos, com personalidades diferentes, atendiam no hospital infantil. Quando Irma se nega abrir a boca, ela se torna uma outra mulher que já fora examinada por Freud, como também se torna a esposa dele.

As pessoas que Freud reconhece a partir de Irma não aparecem no sonho de modo físico, mas se escondem na personagem onírica de Irma. Portanto, Irma é a representação de muitas pessoas que foram barradas pelo processo de condensação.⁶⁸

O trabalho de agrupar pessoas é um dos principais modos de condensação em um sonho.

Outro exemplo de condensação no sonho de Irma é a palavra “disenteria” que reflete duas coisas: a semelhança com a palavra “difteria” e o paciente histérico de Freud que havia desenvolvido uma disenteria.

O estudo do sonho da injeção já nos permite obter uma visão geral dos processos de condensação na formação do sonho. Podemos notar os seguintes detalhes do trabalho de condensação: a escolha dos elementos que ocorrem várias vezes nos pensamentos oníricos, a formação de novas unidades (pessoas coletivas, estruturas mistas) e a produção de meios-termos⁶⁹.

Por enquanto, Freud toma como tese que a condensação no sonho é uma conexão entre pensamentos oníricos e conteúdo do sonho.

Através da explicação da condensação, Freud aponta outra relação que há no sonho. Já foi apresentada pelo psicanalista a diferença dos elementos destacados no conteúdo manifesto e no pensamento onírico. O conteúdo essencial do pensamento onírico não precisa estar representado no sonho, diz o psicanalista. No sonho da monografia botânica, o conteúdo principal manifesto é “botânico”; no pensamento onírico são expostas as complicações causadas por obrigações profissionais de amigos e, também, a acusação de que Freud faz muitos sacrifícios em prol dos afazeres favoritos. Então, o elemento “botânico” precisa ter algum ponto ligado por um contraste com esse conteúdo. Esse e outros sonhos possuem a característica de um *deslocamento*.

Nos sonhos, elementos essenciais, que são destacados, podem ser colocados como inferiores e elementos de pouco valor serão destacados em seu lugar. Isso leva à hipótese de

⁶⁸ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 334.

⁶⁹ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 337.

que a intensidade psíquica não é relevante na escolha do sonho. Contudo, essa hipótese não auxilia na compreensão da formação do sonho, uma vez que as representações de mais valor são mais recorrentes no pensamento onírico.

Para solucionar essa questão, Freud formula o pensamento de que, através da análise, é descoberto que muitos pensamentos estão distantes do núcleo do sonho e ele pode ser identificado facilmente; eles possuem um elo com o conteúdo do sonho e os pensamentos oníricos. Portanto, a determinação múltipla, decisiva para a seleção do sonho, não se dá de forma primária na formação de um sonho, mas isso não significa que ela não tenha uma importância no acesso dos elementos diversos do sonho.⁷⁰

Freud, então, conclui que seja aceitável a tese de que, no trabalho do sonho, há um poder psíquico que, por um lado, expõe os elementos de alto valor psíquico e, por outro, através da *sobredeterminação*⁷¹, utiliza elementos inferiores para a criação de novos valores que, assim, alcançam o conteúdo do sonho.

Se for assim, houve na formação do sonho uma *transferência e deslocamento das intensidades psíquicas dos elementos* [...]. *O deslocamento e a condensação do sonho* são os dois mestres artesãos a cuja atividade podemos atribuir essencialmente a forma do sonho.⁷²

O deslocamento faz com que o conteúdo do sonho seja diferente do núcleo dos pensamentos oníricos e, portanto, o sonho mostra uma deformação do desejo onírico. Freud já havia falado sobre a deformação do sonho, a qual acontece em razão de uma censura que uma instância psíquica coloca sobre outra no pensamento. O deslocamento é uma das formas fundamentais para acontecer essa deformação. Freud considera, então, o deslocamento como consequência de uma intervenção da censura, da defesa endopsíquica. Sobre a censura, Garcia-Roza diz:

⁷⁰ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 349.

⁷¹ De acordo com o Vocabulário de Psicanálise, *sobredeterminação* é “O fato de uma formação do inconsciente - sintoma, sonho, etc. - remeter para uma pluralidade de fatores determinantes. Isto pode ser tomado em dois sentidos bastante diferentes: a) A formação considerada é resultante de diversas causas, já que uma só não basta para explicá-la. b) A formação remete para elementos inconscientes múltiplos, que podem organizar-se em sequências significativas diferentes, cada uma das quais, há um certo nível de interpretação, possui sua coerência própria. Este segundo sentido é o mais amplamente admitido. (LAPLANCHE & J.-B. PONTALIS, Vocabulário da psicanálise. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1967/2008, p 69.)

⁷² FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 350.

A censura (*Zensur*) é apontada por Freud como a responsável pela deformação a que são submetidos os pensamentos latentes pelo trabalho do sonho.⁷³

Durante o capítulo VI, Freud foca em compreender melhor os processos da interpretação do sonho, não através das análises, mas sim de sínteses.

Freud percebeu, através das tentativas de produzir sonhos com base nas sínteses dos pensamentos oníricos, que o conteúdo alcançado através da interpretação dos sonhos não possui o mesmo valor. Uma parte é produzida por pensamentos oníricos essenciais e a outra não é dada importância. A afirmação de que todos esses pensamentos fazem parte do sonho também não é valorizada. Essa parte contém todas as ligações possíveis para levar o conteúdo manifesto ao latente, as aproximações entre eles, às quais se têm acesso através da interpretação. O ponto de grande importância, segundo Freud, são os pensamentos oníricos essenciais, que são um conjunto de pensamentos e lembranças com uma estrutura complexa.

Essa estrutura complicada tece relações lógicas entre vários elementos, afirma o autor. Quando o trabalho do sonho engloba todos esses pensamentos oníricos, os quais são fragmentados e rearranjados, revirados, se faz necessário compreender como são incorporados esses laços lógicos que estavam presentes na estrutura. A identificação de como esse pensamento onírico está posto é imprescindível para a interpretação do sonho e reconhecimento do desejo contido no sonho.

Inicialmente, Freud segue o raciocínio de que o sonho não utiliza os meios de representação para as relações lógicas entre os pensamentos oníricos. Contudo, pode haver alguma objeção sobre essa negação da representação de conexões lógicas, dado que alguns sonhos possuem operações mentais complexas, em que elas são fundamentadas e contrapostas como se a pessoa estivesse acordada, em seu pensamento vigilante. Freud, em seguida, contesta essa objeção, alegando que já foi dito que isso é *material do sonho e não uma representação da tarefa racional do sonho*.⁷⁴

Freud enumera todos os modos de que o trabalho do sonho se utiliza para mostrar os vínculos do material do sonho que são difíceis de serem representados. Inicialmente, o autor diz que os sonhos consideram a conexão de todos os segmentos de pensamentos, quando são unidos em um único evento ou contexto. Há uma reprodução da *relação lógica* como

⁷³ GARCIA-ROZA, L. *op. cit.*, p. 88.

⁷⁴ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 354.

simultaneidade; o psicanalista explica que isso acontece do mesmo modo pelo qual um pintor reúne em um quadro todos os filósofos ou poetas que nunca se encontraram, mas que formam um grupo no sentido teórico.

As *relações causais* são representadas no sonho através de dois procedimentos, que na essência compõem apenas um. O modelo mais comum dessa relação se dá quando os pensamentos oníricos dizem, como o exemplo dado pelo psicanalista: “Como estava assim, isso teve de acontecer”. Uma outra questão levantada por Freud é que, a sequência temporal também pode ser invertida no sonho. A relação causal também pode ser representada de forma menos volumosa e é dada em uma imagem no sonho com a qual uma pessoa, ou objeto, é transformada em outra.⁷⁵

Na *oposição* e na *contradição*, Freud percebe uma relação importante de como são representadas no sonho, pois elas são ignoradas, a palavra “não” é quase inexistente nos sonhos. O sonho de contradição pode representar, também, um desejo de modo contrário, o que ocasiona uma certa confusão, pois é difícil saber quando o elemento que admite seu oposto está no pensamento onírico de forma positiva ou negativa.⁷⁶

A relação de *semelhança*, *aproximação*, *concordância*, é a mais favorecida pela formação do sonho. Os sonhos constituem uma unidade de representação dessa relação de semelhança e aproximação. O primeiro caso é a *identificação*, que é usada quando a semelhança se refere a pessoas. O segundo é a *formação mista*, usada quando coisas são elementos da ligação entre pensamentos, e essa formação também pode se referir a pessoas.⁷⁷

A identificação ou formação de pessoa mista serve, portanto, a diferentes propósitos no sonho; em primeiro lugar, à representação de algo comum às duas pessoas; em segundo lugar, à representação de um aspecto comum *deslocado* e, em terceiro lugar, à expressão de algo em comum apenas *desejado*.⁷⁸

A inversão é uma forma de representação versátil e recorrentemente escolhida pelo trabalho do sonho, pois ela possibilita a realização do desejo independente de qualquer elemento dos pensamentos oníricos. Além disso, a inversão é um instrumento fundamental para a censura, pois deforma a representação, fazendo com que a compreensão do sonho seja dificultada.

⁷⁵ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 356.

⁷⁶ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 360.

⁷⁷ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 362

⁷⁸ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 364.

Com relação à intensidade dos elementos do sonho, ela pode se dar de duas formas distintas. A primeira se trata de elementos intensamente representados, que são aqueles que manifestam a realização de desejo. Os elementos mais vívidos do sonho são responsáveis por uma grande parcela das sequências de pensamentos e possuem mais determinantes.

[...] a maior intensidade é mostrada por aqueles elementos do sonho que exigiram o mais extenso *trabalho de condensação* para se formarem. Podemos então esperar que seja possível expressar numa única fórmula essa condição e a outra, a da realização do desejo.⁷⁹

O conteúdo dos sonhos de uma mesma noite é do mesmo grupo. Então, Freud, através da interpretação dos sonhos, mostra que sonhos que ocorreram na mesma noite, apesar de diferentes e sucessivos, apresentam os mesmos impulsos, mas com material distinto.

Freud também expõe a sensação de “não conseguir realizar algo” em um sonho. Ele diz que isso não corresponde apenas a uma sensação, mas a uma componente do conteúdo do sonho. Para exemplificar, ele conta um sonho em que é acusado de desonestidade.

O local é uma mistura de clínica particular e vários outros lugares. Aparece um criado que me chama para uma averiguação. No sonho, sei que algo está sendo procurado e que a averiguação será conduzida por causa da suspeita de que me apropriei do objeto perdido. [...]. Ciente da minha inocência e da minha função de conselheiro nessa casa, acompanho tranquilamente o criado. Outro criado nos recebe numa porta e diz, apontando para mim: você me trouxe esse, mas ele é uma pessoa correta. Então entro, sem o criado, numa grande sala onde se encontram máquinas, o que me lembra um inferno e seus castigos. Vejo um colega preso a um aparelho, que teria todas as razões para se preocupar comigo, mas ele nem me percebe. Então me dizem que eu posso ir. Mas não encontro meu chapéu e não posso ir.⁸⁰

Freud mostra que o desejo realizado no sonho é mostrar sua honestidade e que os homens o deixem ir. Ele é absolvido, pois estes o deixam ir. No entanto, há algo que impossibilita sua saída, o que indica que o material reprimido apresenta sua oposição. O episódio em que ele não encontra o chapéu significa sua desonestidade. Então, o “não conseguir realizar algo” do sonho apresentado por Freud mostra uma *expressão de oposição*, um “não”.

Freud mostra, também no capítulo VI da obra, as representações através de símbolos, as quais estão inseridas nas representações indiretas, mas que, apesar de se encontrarem nas representações indiretas, ambas possuem diferenças. No entanto, Freud não consegue

⁷⁹ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 373.

⁸⁰ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 379.

identificar quais seriam os traços de distinção entre elas. A semelhança entre o símbolo e aquilo que ele representa pode ser explícita, em alguns casos, e obscura em outros, o que leva o psicanalista a questionar como são feitas as escolhas dos símbolos. Uma alternativa seria a relação genética com a escolha desses símbolos, como uma *marca da identidade antiga*, diz o autor.⁸¹ O simbolismo possui o trabalho de disfarçar representações dos pensamentos latentes contidas no sonho.

Entrando no tema dos sonhos *absurdos*, o psicanalista relembra que esse tipo de sonho foi utilizado como exemplo por pessoas que negam a teoria de que sonhos possuem sentido.⁸²

Freud respalda-se em exemplos de sonhos para mostrar que os sonhos absurdos apenas possuem uma aparência absurda, mas, quando são feitas as análises, essa aparência é desestruturada. Um dos sonhos apresentados pelo autor é de um paciente que havia perdido o pai seis anos antes.

*O pai sofreu um grave acidente. Viajou no trem noturno e houve um descarrilhamento, os bancos se juntaram, e sua cabeça foi comprimida nos lados. Então ele o vê deitado na cama, com uma ferida vertical acima da sobrancelha esquerda. Ele se surpreende de que o pai tenha sofrido um acidente (pois ele já está morto, acrescenta ao narrar o sonho). Os olhos são muito claros.*⁸³

A abordagem dominante dos sonhos interpreta que, ao indivíduo representar o acidente, ele se esquece que seu pai já havia falecido e, durante o sonho, ele se lembra da morte do pai e se surpreende com isso, ainda dormindo. No entanto, essa abordagem é muito superficial. A análise feita por Freud indica os pontos de relação com as vivências do autor do sonho. O primeiro ponto é que o sonhador encomendou um *busto* do pai e foi vê-lo dois dias antes do sonho. Esse busto parece ter sofrido um acidente. Isso se deve ao fato de o escultor se basear em fotos para fazer a arte e não conhecer pessoalmente o indivíduo. O dono do sonho leva outra pessoa para ver a escultura para saber se ela lhe remete à mesma impressão: *estaria estreita demais no sentido perpendicular*. A lembrança que levou o paciente de Freud a ter o sonho seria a de que seu pai apertava as mãos nas têmporas da cabeça quando estava muito preocupado. Outra lembrança do sonhador foi o tiro acidental que seu pai executou com uma pistola, o que causou um escurecimento na cor dos olhos (*os olhos são muito claros*). O ferimento no rosto do seu pai, mostrado no sonho, refere-se a um outro motivo. O sonhador tinha uma foto de sua filha, que caiu no chão e causou uma rachadura no mesmo lugar do

⁸¹ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 395.

⁸² FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 470.

⁸³ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 471.

ferimento representado em seu pai. Esse acontecimento o levou a um pensamento supersticioso, pois um dia antes de sua mãe falecer, ele também deixou uma foto cair com sua imagem. O absurdo representado nesse sonho, portanto, é apenas causado pela não distinção entre o busto e a fotografia de seu pai.

O autor indica a existência de outro tipo de absurdo em sonhos com parentes já falecidos, o qual representa um pensamento reprimido. Esse tipo de sonhos parece não possuir um fundamento se não for levado em consideração que, no sonho, não há discriminação entre realidade e desejo. Para exemplificar, Freud expõe um sonho de um homem que cuidou de seu pai doente e sofreu com sua morte. O sonho absurdo: *O pai voltou à vida e conversou com ele como sempre, mas (o estranho era que) estava mesmo morto e não sabia disso.*⁸⁴

Para a compreensão do sonho, Freud sugere acrescentar algumas frases no sonho. Depois de “estava mesmo morto”, inserir “em decorrência do desejo do sonhador” e depois de “não sabia disso”, inserir “que o sonhador tinha esse desejo”. O filho, quando cuidava de seu pai, desejou sua morte muitas vezes, para que o sofrimento de seu pai tivesse um fim. Quando seu pai falece, esse desejo é recriminado, como se fosse responsável pela morte do enfermo. A volta dos impulsos infantis a respeito do pai são os agentes que trazem essa recriminação à tona através do sonho, somando-se à diferenciação entre a motivação do sonho e o pensamento de vigília que causou o absurdo no sonho.

O sonho se torna absurdo, portanto, quando o juízo “Isso é um absurdo” aparece nos pensamentos oníricos como um dos elementos do conteúdo, quando a crítica ou o escárnio motivam uma das linhas de pensamento inconscientes do sonhador. O absurdo se transforma, assim, num dos meios pelos quais o trabalho do sonho representa a contradição, como a inversão de uma relação material entre pensamentos oníricos e o conteúdo do sonho, como o emprego da sensação de inibição motora.⁸⁵

Aqui, percebe-se mais uma vez, que o trabalho do sonho transformou uma fração do conteúdo latente em conteúdo manifesto, frisa o psicanalista.

Freud utiliza uma observação de Stricker⁸⁶ [1879] para introduzir a noção de afetos no sonho: “Quando tenho medo de ladrões no sonho, os ladrões são imaginários, mas o medo é real”. As sensações contidas em um sonho podem ser equiparadas às sensações que temos

⁸⁴ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 475.

⁸⁵ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 480.

⁸⁶ Salomon Stricker foi um patologista e histologista. O trecho comentado por Freud é da obra *Studien über das Bewusstsein* (Estudos sobre a consciência), (1879).

quando estamos acordados, diz o autor. O conteúdo afetivo é inserido nas vivências reais da psique, uma vez que a sua atividade é mais potente que seu conteúdo de representação.⁸⁷

Freud exemplifica as divergências de intensidade das sensações: há situações que são perigosas, ruins, que acontecem em sonhos, mas que, apesar disso, não trazem consigo a sensação de medo e insegurança. Em outros casos, coisas mínimas provocam medo ou alegria.

A dessimetria das sensações com relação ao conteúdo do sonho é explicada pelo psicanalista. Como já mencionamos, quando retiramos o olhar para o conteúdo manifesto e entramos no conteúdo latente, esse problema é solucionado.

A parte menos afetada de um composto psíquico, que já sofreu censura da resistência, é o afeto. Esse afeto, portanto, auxilia na análise e a fazer a progressão adequada.

Além da condensação e do deslocamento, há um outro componente que transforma o material onírico, denominado representabilidade. A representabilidade é um outro modo de deslocamento, diz Freud, o qual é responsável por uma *troca da expressão verbal* do pensamento.

Ambas as formas de deslocamento acontecem em esferas de associações, porém uma atua na substituição de elementos e outra em substituição de formulação verbal, salienta o psicanalista.

Uma das justificativas para que o sonho seja visto como absurdo ou fantasioso é esse modo de deslocamento que se dá pela representabilidade. Freud diz:

O deslocamento ocorre, em geral, de modo que uma expressão abstrata e descolorida do pensamento onírico seja trocada por uma concreta e figurativa.⁸⁸

Os jogos de palavras são encontrados nos sonhos, de modo que a representabilidade pelas palavras utilizam de expressões ambíguas a fim de atingir mais de um pensamento onírico, o que aqui é incluso também a condensação. A palavra, portanto, é um ponto nodal do sonho e é capaz de representar vários pensamentos, o que a vincula a ambiguidade e as neuroses, como os exemplos dados pelo autor (ideias obsessivas, fobias), que utilizam as vantagens desse mecanismo para a condensação e o disfarce.

⁸⁷ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 506.

⁸⁸ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 382.

O último tópico do capítulo VI discorre sobre a elaboração secundária, o quarto fator participante da formação do sonho.

Seguindo na investigação do conteúdo dos sonhos, Freud havia mostrado que alguns acontecimentos possuíam origem nos pensamentos oníricos. No entanto, outros elementos necessitam de uma explicação diferente. A admiração, a irritação, são impulsos presentes no sonho, que não se direcionam contra o seu conteúdo, mas constituem partes do material do sonho. No caso da crítica “isso é apenas um sonho”, ela não procede da mesma maneira que os outros impulsos, pois é uma crítica efetiva do sonho, que poderia ocorrer da mesma maneira se a pessoa estivesse acordada, destaca o autor. Segundo Garcia-Roza,

A elaboração secundária, ou ainda “tomada em consideração da inteligibilidade” (Rücksicht auf Verständlichkeit), consiste na modificação imposta ao sonho, pelo sonhador, a fim de que apareça sob a forma de uma história coerente e compreensível. A finalidade da elaboração secundária é fazer com que o sonho perca sua aparência de absurdidade, aproximando-o do pensamento diurno.⁸⁹

O objetivo do pensamento “isso é apenas um sonho” é conter uma instância que poderia causar uma agitação e finalizar o sonho. Esse pensamento diz que é melhor continuar a dormir e suportar, pois “isso é apenas um sonho”. Freud acredita que essa crítica se dá pela censura que, ao ser atenuada durante o sono, é pega de surpresa durante um sonho que ela permitiu se manifestar. Portanto, não é mais possível que a censura reprima o sonho, de modo que o pensamento “isso é apenas um sonho” é usado para atenuar a angústia que o sonho possa ter causado. Essa é uma manifestação da censura psíquica apresentada por Freud.

Esse exemplo traz à tona a afirmação de que nem todo conteúdo do sonho provém dos pensamentos oníricos, mas também, de uma função psíquica que não difere dos pensamentos de vigília. Freud afirma que a atuação dessa função psíquica nos sonhos não é rara.

A função psíquica, durante o trabalho do sonho, não cria coisas novas, apenas em raros casos, pois ela prefere selecionar algo de interesse contido no material do sonho. O que identifica esse segmento do trabalho do sonho é a sua tendência. Essa tendência ocorre como uma espécie de tapa buracos do sonho.⁹⁰ Através desse trabalho, o sonho perde a expressão confusa e absurda e se torna mais coerente. No entanto, nem sempre isso acontece, visto que alguns sonhos não conseguem se manifestar de forma compreensível, ou seja, eles podem até ter um sentido, mas este não condiz com o sentido real do sonho. O psicanalista diz que,

⁸⁹ GARCIA-ROZA, L. *op. cit.*, p. 105-106.

⁹⁰ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 538.

através da análise, percebe que no sonho a *elaboração secundária* utiliza o material com muita liberdade e não mantém as conexões contidas nos materiais dos sonhos.

Em outros sonhos, essa tendência tem lugar de modo incompleto, ou seja, algumas partes do sonho possuem coerência, outras são confusas. O último modo é o sonho ser totalmente confuso, no qual há a falha da tendência.

A influência desse quarto poder formador do sonho é exposta no favorecimento e na seleção do material psíquico que já está formado nos pensamentos oníricos. Por isso, ela não precisa se empenhar para criar a aparência do sonho, pois ela já está pronta. O elemento dos pensamentos oníricos que Freud apresenta é denominado “fantasia” por ele.

Do mesmo modo que os sonhos, essas fantasias são realizações de desejos, se constituem através de impressões vividas na infância, utilizam da diminuição da resistência da censura para se formarem.

Poderíamos dizer, sem problemas, que nosso quarto fator busca formar algo *como um devaneio* a partir do material que lhe é oferecido. Mas, quando um devaneio assim já se encontra formado no contexto dos pensamentos oníricos, esse fator do trabalho do sonho preferirá se apoderar dele e tentará introduzi-lo no conteúdo do sonho. Há sonhos que consistem exclusivamente na repetição de uma fantasia diurna que talvez tenha permanecido inconsciente [...].⁹¹

A fantasia, então, é identificada como todo composto do material latente e, em alguns sonhos, pode ser reconhecida em fragmentos do conteúdo.

Fazendo um elo entre elaboração secundária do conteúdo do sonho e os outros fatores do trabalho do sonho, Freud presume que as exigências contidas em uma segunda instância⁹² são uma das premissas a serem cumpridas pelo sonho, e essa premissa, do mesmo modo que a da censura, da condensação e da representabilidade, desempenha uma intervenção indutiva e seletiva, simultaneamente, em todo o conteúdo dos pensamentos oníricos. Entre todas, a quarta condição que foi analisada é a que menos apresenta exigências rigorosas.

Em suma, o trabalho do sonho apresentado aqui, através da condensação, do deslocamento, da representabilidade e da elaboração secundária são fatores importantes para o entendimento de como o desejo se encontra no sonho e como ele é disfarçado por esses componentes. Enfatizando o trabalho do sonho, Monzani afirma:

⁹¹ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 541.

⁹² Essa instância nada mais é que o próprio pensamento normal, o qual possui como exigência que o sonho seja inteligível.

O trabalho concreto e efetivo da análise onírica revelou não só que os sonhos têm um sentido, que são realizações de desejos, como também mostrou (e daí a necessidade da interpretação) que esse sentido é “deslocado”, “distorcido”, colocado sob a forma representativa de imagens.⁹³

Adentrando no capítulo VII, responsável por apresentar a psicologia dos processos oníricos, Freud expõe um sonho que lhe foi contado. Antes de descrever o sonho, observemos algumas informações relativas aos dias anteriores do sonhador: O pai, autor do sonho, passou dias ao lado do filho doente até a criança vir a falecer. O corpo do filho fica em um quarto cercado por velas. Ele pede a um senhor que fique em vigília enquanto vai descansar no quarto ao lado, deixando a porta aberta para conseguir visualizar o filho. Segue o sonho: o filho está ao lado da cama do pai, pega seu braço e diz, advertindo “*pai, você não vê que estou queimando?*”. Então, o pai acorda e percebe o clarão no quarto do filho. Ao chegar no quarto, percebe que uma das velas caiu no corpo do menino e queimou seu braço, enquanto o senhor que fazia a vigília, dormia.⁹⁴

A explicação apresentada pela mesma pessoa que contou o sonho a Freud é que a luz do incêndio no corpo do filho chegou aos olhos do pai adormecido, o que provocou a mesma conclusão a que chegaria se estivesse acordado: de que a vela caíra sobre o filho. O psicanalista concorda com a interpretação, apenas acrescentaria alguns pontos que poderiam ter realmente acontecido em vigília, como a frase do filho “estou queimando”, representando uma possível febre que eventualmente tivesse acometido a criança .

Nesse sentido, o autor percebe que, até o momento, ele desenvolveu sua teoria sobre o trabalho do sonho e os sentidos ocultos contidos neles. Então, é evidenciado o sonho da criança em chamas, com uma simples interpretação, sem nenhuma dificuldade, a qual mostra que o pai desejou continuar adormecido, mesmo sabendo que o filho poderia estar em chamas, para ver um pouco mais a imagem do filho em vida. Assim, devido à percepção de incompletude da explicação sobre a psicologia dos sonhos, Freud se aprofunda nos processos psíquicos que envolvem o sonhar e na estruturação do aparelho psíquico.

A estrutura do aparelho psíquico – no qual encontramos as instâncias nas quais circulam as energias psíquicas, o seu funcionamento e composição – foi apresentada e

⁹³ MONZANI, L. R. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp. p. 83

⁹⁴ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 558.

trabalhada no primeiro capítulo deste trabalho. Portanto, já exposto esse material, nos encaminharemos para o desenvolvimento da realização do desejo no sonho.

O sonho do menino em chamas é utilizado pelo autor para mostrar a dificuldade sobre a teoria de que todo sonho é uma realização de desejo. No momento em que o clarão da vela vai de encontro aos olhos do pai, ele deduz que uma vela tinha caído em seu filho. Essa dedução torna-se o conteúdo do sonho. Freud questiona-se, então, onde a realização de desejo se encontra nesse fragmento e a importante atuação do pensamento que provém da vigília nesse sonho. Através dessas pontuações, Freud analisa de onde vem os desejos contidos nos sonhos e a atuação do pensamento de vigília que prossegue no sonho.

O psicanalista relembra que havia dividido, anteriormente, sonhos em que a realização do desejo é explícita e sonhos em que não consegue encontrar realização de desejo. Através da descoberta da censura, os sonhos sem explicitação de desejos realizados, foram desvendados.

Sobre a origem do desejo contido no sonho, Freud propõe algumas opções:

- 1) Ele pode ter sido despertado durante o dia e, devido a circunstâncias externas, não ter sido satisfeito; resta assim, para a noite, um desejo reconhecido e não resolvido; 2) ele pode ter surgido durante o dia, mas ter sido rejeitado; resta então, um desejo não resolvido, mas suprimido; ou 3) ele pode não ter relação com a vida diurna e ser um daqueles desejos que apenas à noite se agitam em nós, a partir do que é reprimido.⁹⁵

Situando as opções da origem do desejo com o esquema do aparelho psíquico, a primeira opção seria um desejo contido no sistema *Pcs*; a segunda opção seria um desejo contido no *Pcs* que foi obrigado a recuar para o sistema *Ics*; a terceira opção o desejo não consegue ultrapassar o sistema *Ics*. Independente da origem do desejo incluso no sonho, todos possuem a capacidade de instigá-lo.

Através das análises, Freud percebe que, nos sonhos que sofreram deformação, o desejo provém do inconsciente e, portanto, é inacessível durante o estado de vigília.

Sobre os sonhos infantis, o psicanalista afirma que os desejos não realizados durante o dia, serão o instigador do sonho. Contudo, ele não acredita que o mesmo se aplique para um adulto, que um desejo suscitado no estado de vigília seja suficiente para produzir um sonho. O

⁹⁵ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 602.

desejo consciente pode auxiliar na instigação do sonho do adulto, mas precisa de um reforço para se concretizar. O autor afirma que esse reforço vem do inconsciente.

Suponho que o desejo consciente se torna um instigador de um sonho apenas quando consegue despertar um desejo inconsciente do mesmo teor, com o qual ele se fortalece⁹⁶

Apenas o desejo consciente vai parecer realizado no sonho; mas, através de uma percepção sobre a configuração do sonho, a análise é levada para um desejo inconsciente. Os desejos encontrados no inconsciente, reprimidos, mas sempre ativos, são de origem infantil. Concluindo, *o desejo representado no sonho é necessariamente infantil⁹⁷*, pois assim como na psicanálise das neuroses, os desejos infantis reprimidos estão sempre ativos e, através da oportunidade que o sonho lhe concede de atingir a consciência, ele utiliza do desejo consciente que se apresenta no sonho para transferir também sua intensidade. Com relação à criança, que não possui a censura desenvolvida entre os sistemas *Pcs* e *Ics*, o desejo presente no sonho é proveniente de um desejo não realizado durante o estado de vigília. Já no adulto, o desejo vem do sistema *Ics*.

Nesse momento conseguimos visualizar o ponto principal da pesquisa acerca do vínculo entre o desejo e o sonho. Com os argumentos e linhas de teses desenhadas por Freud, chegamos ao conceito de que todo sonho é a realização de um desejo e, necessariamente, esse desejo é de origem infantil e que se localiza no inconsciente.

Para concluir, esse foi o caminho abordado até o momento: a retomada da ideia de recalque e sua ligação com a censura; o retorno aos primeiros capítulos da obra *A interpretação dos sonhos* com o intuito de apresentar o percurso de Freud sobre esse trabalho. Partimos da ideia de que a investigação sobre o sonho já era feita há tempos por muitos autores; seguimos para a introdução do método freudiano de interpretar os sonhos; logo, a análise do sonho modelo (sonho da injeção de Irma) foi apresentada; as primeiras suposições de que o sonho é a realização de um desejo foram introduzidas por Freud; a origem do material contido nos sonhos foi explicitada; o trabalho do sonho foi apresentado em sua complexidade, destacando o trabalho de condensação, deslocamento, representabilidade e elaboração secundária. Todo esse caminho foi percorrido para compreender a tese de Freud sobre todo sonho ser a realização de um desejo reprimido infantil; dado que na infância, supõe Freud, não há a censura, o desejo vem a ser reprimido durante a fase adulta. Para o próximo

⁹⁶ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 604.

⁹⁷ FREUD, S. *op. cit.*, 1900. p. 605.

capítulo, será selecionado o conteúdo do sonho e o desejo contido nele para compreender aspectos da histeria segundo o trabalho realizado por Freud com o caso Dora.

4. A relação entre desejo e histeria

Através da investigação trazida no capítulo anterior, compreendemos que os sonhos possuem como principal instigador os desejos inconscientes e que esses desejos, em sua maioria, são infantis.

Freud desenvolve toda essa interpretação dos sonhos com o objetivo de auxiliar em seus estudos sobre psicopatologias que ele investigava, como demonstrado no capítulo II da obra *A interpretação dos sonhos*⁹⁸ e retomado no texto *Análise fragmentária de uma histeria “O caso Dora”*.⁹⁹ Em ambos os textos de Freud, compreende-se que o sonho é formado através de pensamentos constituídos pelo contexto psíquico do indivíduo. Então o que iremos abordar neste capítulo é o modo como o desejo atua na histeria e como o sonho possui um papel importante para um certo momento da investigação freudiana desta neurose. Para mostrar esse processo, utilizaremos o “caso Dora”, caso esse muito importante para o trabalho de Freud. Na *Interpretação dos sonhos*, o psicanalista reforça a importância da utilização dos sonhos como um sintoma para o tratamento das neuroses:

Ao longo desses estudos psicanalíticos, deparei-me com a interpretação dos sonhos. Os pacientes [...] me ensinaram que um sonho pode estar inserido na concatenação psíquica que podemos rastrear na memória a partir de uma ideia patológica. O passo seguinte foi tratar o próprio sonho como um sintoma e aplicar a ele um método de interpretação desenvolvido para os sintomas.¹⁰⁰

Adentramos no texto *Análise fragmentária de uma histeria “O caso Dora”* com o objetivo de contextualizar o caso clínico de “Dora”. Para iniciar sua descrição, o psicanalista retoma algumas ideias já trabalhadas em *A interpretação dos sonhos*, relatando que, ao conversar com seus pacientes, eles lhe contavam sobre acontecimentos de sua vida e sobre sonhos. Com isso, Freud percebe, ao analisar os sonhos, as conexões existentes entre os sintomas das psicopatologias e a ideia patogênica. Como já relatado no capítulo anterior, Freud chega à conclusão de que os sonhos, resumidamente, são os caminhos que os conteúdos psíquicos censurados encontraram para chegar à consciência. Dito isso, irei descrever, de forma resumida, o quadro clínico de Dora, apresentado pelo psicanalista, a fim de compreendermos como o sonho e o desejo estão ligados a esse caso clínico.

⁹⁸ FREUD, S. (1900) *A interpretação dos sonhos*. Volume 4. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

⁹⁹ FREUD, S. (1901-1905) *Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”)*. Volume 6. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

¹⁰⁰ FREUD, S. op. cit., 1900. p.132.

O quadro relatado pela família de Dora não é completamente confiável, nem mesmo as narrativas fornecidas pela paciente, já que podem existir lacunas nessa descrição da enfermidade, expõe Freud. Essas lacunas são correspondentes à neurose, uma vez que os pacientes não conseguem expor de modo completo e estruturado as situações que envolvem sua psicopatologia. Isso se justifica por alguns fatores: o primeiro é o fato de a pessoa esconder, de modo proposital, algumas informações; o segundo é alguns fatos se excluírem durante a fala, de modo não intencional; por fim, o terceiro se dá por lacunas que se formam em suas memórias, lacunas preenchidas por paramnésias¹⁰¹ de forma secundária. Essas lacunas, ou amnésias, são de alguns acontecimentos que foram reprimidos da memória do paciente, o que se refere, conseqüentemente, a um sintoma da doença. Então, somente no fim do tratamento torna-se possível visualizar de forma mais completa a história clínica do paciente. Os objetivos do tratamento são, portanto, excluir os sintomas e preencher as lacunas, por eles deixadas, por ideias conscientes e restabelecer as falhas de memórias, o que significa que esses objetivos são interdependentes. Uma associação feita por Soria (2008) sobre o trabalho da psicanálise é descrita da seguinte forma:

Assim como os movimentos de um lápis que desenharam o contorno de uma figura aproximando-se e afastando-se do centro da folha de papel, assim também a atenção flutuante do psicanalista à associação livre do paciente, numa sucessão de movimentos zigzagueantes, afasta-se e aproxima-se dos motivos inconscientes, podendo, ao fim, dar contorno bem delineado ao discurso de sua paciente e mostrar-lhe a direção de seu próprio desejo.¹⁰²

Dora possui dezoito anos, pai, mãe e um irmão mais velho. O pai representava a figura dominante na família para a paciente. Ao início do tratamento com Freud, o pai de Dora tinha 45 anos e ela possuía um vínculo especial com ele. Essa afeição se dá por muitas ocorrências de saúde de seu pai, os quais ela presenciou desde os seis anos de idade, como a tuberculose, que ocasionou a mudança da família para outra cidade. Outra enfermidade foi o deslocamento da retina do pai, o que ocasionou em uma seqüela permanente na visão. Por fim, houve uma patologia mental, seguida de paralisia e transtornos psíquicos.

Entrando no histórico de Dora, ela apresentava, aos oito anos, sintomas nervosos, como dispnéia crônica. Ela relatou que toda doença que o irmão adquiria de modo mais leve, ela apresentava em seguida, em um grau maior. Dos doze aos dezesseis anos ela se queixou de uma enxaqueca unilateral. As tosses nervosas também se faziam presentes constantemente.

¹⁰¹ Distúrbio no qual as palavras são lembradas, mas os significados são esquecidos ou distorcidos.

¹⁰² SORIA, A. C. S. (2008). O “caso Dora”: algumas considerações acerca da sua redação. *Cadernos De Filosofia Alemã: Crítica E Modernidade*, (11), p. 95.

Freud menciona que, ao iniciar o tratamento, a paciente tossia de uma maneira característica. Um dos sintomas mais extremos foi a perda da voz. Havia uma certa resistência de Dora para a ida aos médicos e somente a insistência do pai a fez iniciar o tratamento com Freud.

É importante mencionar que, diante do falecimento da tia paterna, Dora adoeceu e teve febre e foi diagnosticada com apendicite. Esse relato será importante para um dos sonhos contados pela paciente a Freud durante o tratamento.

Durante o crescimento de Dora, as fortes representações da doença eram o seu estado deprimido e as alterações de caráter. A convivência com os pais era complicada, não gostava de se encontrar com pessoas.

Através das informações fornecidas pelo pai da paciente, já ficava evidente para Freud qual era a relação entre a patologia e a vida de Dora. O pai contou que sua família havia criado laços de amizade com um casal, e que a sra. K. o auxiliou durante sua enfermidade. O sr. K. apresentava um carinho por Dora, levando-a sempre para passear e oferecendo-lhe presentes. Dora também cuidava dos filhos do casal. Durante a ausência do pai para uma viagem, Dora passou alguns dias na casa do casal K. e, durante esse tempo, o pai volta de viagem e se prepara para partir novamente. Dora, então, diz ao pai que irá junto a ele. Alguns dias após sua volta para casa, ela pede à mãe para dizer ao pai que ela decidira voltar pois o sr. K. havia feito uma proposta amorosa durante um passeio no lago. Durante esse passeio, Dora dá um tapa no rosto do sr. K. e não o deixa terminar sua fala. Durante a interpretação do segundo sonho, entenderemos a motivação desse tapa. O pai, ao saber sobre isso, conversa com o sr. K., que nega as acusações e suspeita que Dora havia criado imaginações da cena que relatara aos pais através de algumas leituras e por seu interesse em assuntos relacionados a sexo. A filha, então, impõe ao pai que ele corte as relações com o casal K., especialmente com a senhora K., e que não os veja mais.

Freud conclui que existe um trauma psíquico em Dora advindo da relação com o sr. K. e esse trauma é, então, considerado por ele como uma premissa para a histeria. Contudo, o trauma exposto até o momento não explica os sintomas da paciente, uma vez que a tosse e a perda da voz aconteceram anteriormente a esse trauma e, ao início das manifestações, se referiam à infância de Dora. Portanto, o trauma a ser procurado está na infância da paciente, determina o psicanalista.

Com o decorrer do tratamento, Dora relata a Freud uma vivência anterior com o sr. K., uma vivência de trauma sexual. Quando o fato ocorreu, ela tinha quatorze anos. O sr. K. convidou sua esposa e Dora para se encontrarem em sua loja para irem juntos a uma procissão. Porém, ele convenceu a esposa a ficar em casa, dispensou os funcionários de sua loja e ficou sozinho com a garota. Ao começar a fechar a loja, o homem se coloca junto à garota e a beija. Esse ocorrido tenderia a causar uma excitação sexual em Dora, segundo Freud, mas ela sentiu nojo. Imediatamente ela saiu do abraço do sr. K. e foi em direção à porta. Depois do acontecimento, ela evitou encontros a sós com o homem. Freud, através do relato, explica o comportamento histérico de Dora. Nas palavras do psicanalista:

[...] o comportamento da garota de catorze anos já é completamente histérico. Toda pessoa que, numa ocasião para excitação sexual, tem sobretudo ou exclusivamente sensações desprazerosas, eu não hesitaria em considerar histérica [...].¹⁰³

Dora apresenta uma *inversão de afeto*, mas isso não é suficiente para explicar seu caso. Houve também um *deslocamento* da sensação.

A náusea não se tornou um sintoma permanente. Todavia, uma alucinação sensorial ficou como uma consequência daquele ocorrido. Ela ainda sentia a pressão do abraço na parte superior do corpo e não conseguia passar por perto de um homem conversando intimamente com uma mulher. Diante disso, o psicanalista reconstruiu a cena que ela lhe contou. Freud acredita que durante o abraço, não somente o beijo foi sentido, mas também o pênis ereto e a lembrança desse fato foi recalcada e substituída pela sensação do abraço apertando a parte superior do corpo. Ocorreu, então, um deslocamento da parte inferior para a superior.

É digno notar que temos aqui três sintomas – o asco, a pressão na parte superior do corpo e o medo de homens conversando animadamente – que procedem de uma única vivência, e que apenas a inter-relação desses três fenômenos possibilita a compreensão de como se formam os sintomas. O nojo corresponde ao sintoma de repressão na zona erógena dos lábios (viciada pelo hábito infantil de chupar, como veremos). A pressão do membro ereto provavelmente acarretou uma mudança análoga no órgão feminino correspondente, o clitóris, e a excitação desta segunda zona erógena foi fixada, mediante deslocamento, na simultânea pressão no tórax.¹⁰⁴

Freud, na tentativa de provar que o medo de homens supostamente excitados provém de uma sensação recalcada, pergunta a Dora se ela conhece os sinais corporais que correspondem à excitação de um homem. A resposta foi “sim”. A paciente mostra que sabe,

¹⁰³ FREUD, S. op. cit.,1901-1905. p. 201.

¹⁰⁴ FREUD, S. op. cit.,1901-1905. p. 203.

mas não consegue se recordar como conseguiu esse conhecimento, a origem dele. Diante do medo apresentado como resultado de um recalque, Castiel et al. (2012), dizem que a origem da histeria

se situa nas implicações do recalque desta vivência real quando ela adquire um significado traumático. A maneira como o sujeito se defende desta lembrança é recalcando-a, ou seja, convertendo a angústia em sintoma somático.¹⁰⁵

Para tentar compreender o nojo causado pelo beijo na loja, o psicanalista acredita que essa sensação de Dora ocorreu por conta do cheiro e da visão de excrementos, sensações que ela relacionou ao pênis. Uma vez que o pênis é responsável pela micção e pela função sexual, o nojo sentido pela paciente é relacionado à vida sexual e suas ocorrências.

No entanto, Freud não conseguia direcionar Dora a relatar sobre sua relação com o sr. K., visto que ela afirmava que não havia mais nenhum envolvimento com ele. Em contrapartida, em todas as sessões, toda a fala da paciente se voltava ao pai. Um fato é que Dora não perdoa o pai por continuar a relação com o sr. K. e, principalmente, com a sra. K.

Para a paciente, era óbvio que o pai se relacionava amorosamente com a esposa do sr. K. e ela faz alguns relatos para comprovar essa sua teoria. Nesses relatos, Dora mostra a relação do seu pai com a sra. K., as visitas diárias que seu pai fazia à mulher, a companhia constante que faziam um ao outro, as situações criadas para que ficassem juntos, e algumas outras situações pontuais. Diante dos relatos, Freud concorda haver certa razão no raciocínio de Dora. O psicanalista diz que, quando a paciente se encontrava abalada, ela pensava sobre estar sendo oferecida ao sr. K. como um prêmio para concordar com a relação de seu pai com a esposa dele. Em outros momentos, Dora se sentia culpada por esses pensamentos.

Freud destaca que o comportamento do paciente, quando apresenta algo totalmente fundamentado em seu pensamento, pode haver um momento em que pergunta ao médico se tudo é verdadeiro e correto, se haveria algo a mudar. Posteriormente a isso, há o entendimento de que aquele pensamento bem fundamentado foi trabalhado pelo paciente com o objetivo de esconder outros, que fogem da consciência. Essa ponderação conduz Freud a hipotetizar que, quando há muitas recriminações apontadas para outra pessoa, isso indica a possibilidade de autorrecriminações sobre o mesmo conteúdo. O psicanalista explica que

¹⁰⁵ CASTIEL, S.; SIBEMBERG, A. et al. *Defesa e trauma: do projeto à atualidade*. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica [online]. v. 15, 2012. p. 69.

Na paranoia, essa projeção da recriminação em outra pessoa, sem alteração do conteúdo e, portanto, sem apoio na realidade, manifesta-se como processo de formação do delírio.¹⁰⁶

No caso de Dora, a recriminação do pai era acompanhada de autorrecriminações com o mesmo conteúdo. Freud explica que a paciente estava correta ao acusar o pai por não desaprovar o comportamento do sr. K. em relação a ela, por medo de comprometer o relacionamento dele com a sra. K. Contudo, o psicanalista mostra que Dora possui o mesmo comportamento. Para justificar, ele utiliza o exemplo:

Nos anos anteriores ela favorecera a relação do pai com a sra. K. de toda maneira possível. Nunca ia ter com a sra. K. quando imaginava que o pai estaria lá.¹⁰⁷

A preceptora de Dora tentou mostrar a ela o relacionamento do pai com a sra. K., contudo, a garota se contrariou e pediu a demissão da professora. Essa demissão, no entanto, foi ocasionada em razão da descoberta de Dora de que o carinho da preceptora não era direcionado a ela, mas a seu pai.

Esse comportamento da mulher mostra para Dora que ela também fazia o mesmo. No mesmo lugar que a preceptora ocupava para Dora, Dora ocupava para os filhos do sr. K. Inclusive, Freud indica como um dos primeiros sinais de relação entre a garota e o sr. K. foi a afeição pelas crianças.

Essa atenção pelas crianças leva ao entendimento de que o consentimento em segredo da relação do pai com a sra. K. devia-se ao sentimento de paixão que ela possui pelo sr. K., o que, inicialmente, a paciente nega. No entanto, ela diz, em seguida, que poderia estar apaixonada, mas depois da cena no barco, não havia mais sentimentos.

Observando a sra. K., Dora desenvolveu o entendimento sobre o aproveitamento de doenças, aponta o psicanalista. Quando o sr. K. estava viajando, a sra. K. estava bem, mas quando o sr. K. retornava, sua esposa estava doente. Dora já havia manifestado muitos sintomas que iam e vinham, como a tosse, perda de voz. Freud se questiona se eles teriam relação com o homem que a garota amava. Então, ao ser questionada sobre a duração dos sintomas, ela diz que eles duram de três a seis semanas, o tempo exato da ausência do sr. K. Isso, portanto, fala em favor da forma como Dora demonstra o amor pelo sr. K., através da doença, em contraposição às atitudes da sra. K., que não demonstrava amor pelo seu marido.

¹⁰⁶ FREUD, S. op. cit.,1901-1905. p. 210.

¹⁰⁷ FREUD, S. op. cit.,1901-1905. p. 210.

Posteriormente, os sintomas de Dora permanecem, uma vez que ela precisa apagar esse indício de ficar doente somente quando o sr. K. estava fora.

Uma interpretação hipotética de Freud sobre a afonia da paciente é a seguinte: pelo fato de o sr. K. não estar presente, Dora não fala, dado que não poderia conversar com ele. Apesar disso, a escrita se tornava importante, já que era o único modo de contato com o amado.

Freud compreende que a histeria possui como característica a repetição do sintoma, uma vez que um mesmo sintoma pode ter vários sentidos. O sintoma é “emprestado” para sentidos diferentes e se adequa ao pensamento recalcado que quer ser descarregado. Freud entende que há a tendência de que os pensamentos inconscientes e os processos somáticos se articulem de modo específico. Com a remoção do que a psicanálise permite expelir, o psicanalista concorda que podem ser criadas diversas teorias, com grandes possibilidades de acerto, sobre o motivo dos sintomas que normalmente se apresentam de forma constitucional-orgânica. Portanto, a tosse e a afonia de Dora não será explicada apenas pela psicanálise, mas também pelo fator somático que mostra a afeição da moça pelo sr. K. quando este se encontra ausente.

E se, nesse caso, o vínculo entre expressão sintomática e conteúdo mental inconsciente nos parecer algo habilidosamente engendrado, ficaremos aliviados em saber que ele pode criar a mesma impressão em qualquer outro caso, em qualquer outro exemplo.¹⁰⁸

O fato de Dora simular doenças para o pai é explicado por Freud. Ele mostra à paciente que essas enfermidades possuem motivações. Assim como a sra. K. simulava doenças com o objetivo de afastar-se do marido, a garota utilizava também doenças com um objetivo e, seu objetivo com as simulações era afastar o pai da sra. K., uma vez que ela não havia conseguido alcançá-los através de pedidos.

A doença na histeria tem como objetivo ganhar algo, diz Freud. Esses motivos têm início na infância. O psicanalista exemplifica esse processo com a ideia de uma família na qual uma garota precisa dividir a atenção e carinho dos pais com os irmãos. Quando a garota adoece, percebe que toda a atenção se volta para ela. Portanto, constata que através da doença ela consegue atrair o desejado. Com essa ideia enraizada através de vários fatores de uma vida adulta, como falta de atenção do marido, a mulher utiliza do mesmo mecanismo da infância

¹⁰⁸ FREUD, S. op. cit., 1901-1905. p. 217.

para despertar a atenção almejada. Essa doença é intencional, destaca Freud. Essa patologia se direciona a alguém e some quando a pessoa não está presente.

Dora ainda reclamava do pai e persistia com a tosse. Freud supõe, conseqüentemente, uma relação do sintoma com o pai. Uma observação levantada pelo psicanalista é que um dos vários significados de um sintoma é a representação de uma fantasia sexual. Ele apresenta, então, uma interpretação para a tosse frequente, seguindo uma situação sexual fantasiada. A situação referida é a de que Dora diz que a sra. K. apenas amava seu pai pelo fato de ele ser um “homem de recursos”. Diante da exposição fornecida por Dora, Freud, através da percepção do modo como a garota se expressara, entende que ela escondia o contrário do que tinha dito, que o pai não tinha “recursos”. A palavra “recursos” refere-se a uma impotência sexual, nota Freud. Ela reconhece a interpretação dada pelo psicanalista, mas discorda da contradição colocada, pois afirma que há mais formas de satisfação sexual, na qual a garota afirma estar se dirigindo ao uso de outros órgãos. O psicanalista mostra, através da afirmação de Dora, que ela estaria se referindo às partes que nela estavam irritadas, boca e garganta. O resultado apresentado é que a tosse pertence a uma fantasia de satisfação sexual pela boca. O que confirma esse diagnóstico é o fato de Dora concordar com o raciocínio de Freud e, em seguida, a tosse desaparecer. Freud escreve sobre isso:

As forças motrizes que levam à formação dos sintomas histéricos provêm não só da sexualidade normal reprimida, mas também dos impulsos perversos inconscientes.¹⁰⁹

Desde a infância, a intensa atividade da zona erógena primária, que é a mucosa dos lábios e da boca, através da sucção do seio e do dedo, torna-se uma premissa para a “complacência somática”¹¹⁰ que virá. Com a descoberta do objeto sexual, a zona erógena oral é excitada novamente através de algumas situações. Sendo assim, o mamilo é substituído pelo pênis, o objeto sexual de satisfação presente.¹¹¹ Com esse movimento, SORIA(2008), reconhece que Freud não só traz o entendimento de uma sexualidade infantil, como também a não fixação dos genitais como ponto principal dessa atividade sexual.¹¹²

¹⁰⁹ FREUD, S. op. cit.,1901-1905. p. 229-230.

¹¹⁰ De acordo com o Vocabulário de Psicanálise, complacência somática é uma “Expressão introduzida por Freud para referir a “escolha da neurose” histérica e a escolha do órgão ou do aparelho corporal sobre o qual se dá a conversão *. O corpo — especialmente nos histéricos — ou determinado órgão em particular forneceria um material privilegiado à expressão simbólica do conflito inconsciente.” (LAPLANCHE & J.-B. PONTALIS, Vocabulário da psicanálise. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1967/2008, p 69.)

¹¹¹ FREUD, S. op. cit.,1901-1905. p. 231.

¹¹²SORIA, A. C. S. (2008). O “caso Dora”: algumas considerações acerca da sua redação. Cadernos De Filosofia Alemã: Crítica E Modernidade, (11),p. 92.

Freud afirma que um sintoma histérico possui diversos significados que não são, necessariamente, harmônicos entre si. Esses significados podem estar em um sintoma ao mesmo tempo ou sucessivamente, como também um sintoma pode mudar seu significado. Isso se dá pelo fato de o sintoma ser difícil de ser produzido, então o uso de um sintoma já produzido é mais fácil que criar um novo.

No caso de Dora, há uma repetição dos pensamentos relacionados à sra. K. e o pai, o que leva o psicanalista a supor um curso de pensamento *reforçado*. Esse pensamento se mostra de modo patológico pelo fato de não conseguir ser eliminado. Freud conclui que *esse curso de pensamentos sobrevalorado deve seu reforço ao inconsciente*.¹¹³ O recalque acontece através de pensamentos opostos: um pensamento consciente se afirma de modo muito forte¹¹⁴ e o pensamento oposto é recalado. Para que o pensamento perca o reforço, se faz necessário que o pensamento recalado alcance a consciência.

Dito isso, a insistente preocupação de Dora com o relacionamento do pai com a sra. K. possui um motivo inconsciente, dado que a paciente não compreendia a causa dessa inquietação. Através das manifestações da paciente, Freud percebe um posicionamento de Dora frente ao pai, não como o de uma filha, mas como o de uma esposa ciumenta. Portanto, a conclusão trazida é que a afeição pelo pai seria maior do que ela admite ou sabe, Freud diz que Dora era apaixonada pelo pai.

Essa relação afetiva de uma filha com o pai e de um filho com a mãe, de maneira precoce, se encontra em muitas pessoas e mostram-se mais intensas em crianças propensas à neurose, afirma o psicanalista. Em relação à paciente, essa possibilidade é sustentada por causas externas, como as doenças do pai, que ocasionaram um aumento da afeição da garota por ele. A suspeita de Freud sobre essa paixão pelo pai iniciada na infância não é negada por Dora, ela apenas diz “não me lembro disso”. Nesse modelo de resposta, o psicanalista destaca como o inconsciente não traz respostas “sim” ou “não”, mas apresenta uma série de associações que condizem com a afirmação dela.

A paixão pelo pai não era manifestada em anos anteriores, então é preciso se perguntar o que levara Dora a reviver esse sentimento. Freud denomina como sintoma reativo essa paixão, e ele possui como objetivo de recalcar algo forte que se encontra inconsciente. A primeira hipótese é a paixão pelo sr. K., aponta o autor. Um ponto a ser destacado são os

¹¹³ FREUD, S. op. cit., 1901-1905. p. 235.

¹¹⁴ O termo utilizado por Freud é reforço reativo.

conflitos que poderiam atrapalhar a vida psíquica de Dora, como a tristeza pela recusa do homem por quem ela tinha afeição e, em contraponto, a oposição a esses sentimentos e impulsos. Através do próprio convencimento de que não teria uma relação com o homem, Dora, com o objetivo de reprimir e de se proteger do amor pelo sr K., retoma o amor infantil pelo pai.

Freud retorna à ideia das combinações e acumulações de impulsos psíquicos, a sobredeterminação. Então, além do pensamento sobre o relacionamento do pai com a sra. K., há também um ciúme, ciúme esse relativo à mulher, sinalizando para um impulso de interesse pelo mesmo sexo.

Quando, em mulheres e garotas histéricas, a libido sexual dirigida ao homem sofreu energética repressão, regularmente encontramos aquela dirigida à mulher reforçada em substituição, inclusive de forma parcialmente consciente.¹¹⁵

Retomando o momento em que Dora acusa o sr. K. e o pai busca explicações para isso, ele retorna com a depreciação do sr. K. pela garota. Além disso, o sr. K. menciona assuntos que a menina discutira apenas com a sra. K. Portanto, o sentimento de ter sido traída pela sra. K. era uma repetição de uma traição ocasionada por sua preceptora. Nenhuma das duas amava Dora; elas amavam o pai.

A suposição trazida por Freud, diante dessa análise é a de que o pensamento constante sobre a relação da sra. K. com o pai se dá pelo recalque do amor ao sr. K, que por um momento foi consciente, mas não somente por esse motivo, também havia o sentimento de amor pela sra. K., inconsciente. O fato de Dora se sentir como uma troca, na qual o pai a oferece ao sr. K. para ter uma relação com a sra. K., o sentimento de que não poderia ceder o amor do pai para a sra. K., são os mecanismos utilizados, articula Freud, para esconder de si mesma o contrário, que não poderia ceder ao pai o amor da sra. K, como também escondia que não havia perdoado a mulher pela traição que lhe causara.

Essas correntes afetivas masculinas ou, melhor dizendo, *ginecófilas*, devem ser consideradas típicas da vida amorosa inconsciente das garotas histéricas.¹¹⁶

Prosseguindo a pesquisa, irei relatar os dois sonhos de Dora e expor a interpretação de ambos, feitas por Freud, a fim de mobilizar esses sintomas com os desejos recalcados e os sintomas presentes na garota. O primeiro sonho relatado por Dora:

¹¹⁵ FREUD, S. op. cit.,1901-1905. p. 242.

¹¹⁶ FREUD, S. op. cit.,1901-1905. p. 245.

"Uma casa está pegando fogo. Meu pai se acha diante de minha cama e me acorda. Eu me visto depressa. Mamãe ainda quer apanhar sua caixa de jóias, mas papai diz: 'Não quero morrer queimado, junto com meus dois filhos, por causa de sua caixa de jóias'. Corremos para baixo e, assim que estamos fora, eu acordo".¹¹⁷

Contextualizando, esse sonho ocorreu, segundo Dora, três vezes seguidas e logo após o ocorrido no lago com o sr. K.. Ela relata também que esse sonho se repetiu dias antes da exposição do sonho na sessão.

A primeira associação feita pela garota diante do conteúdo do sonho foi um acontecimento após as três primeiras repetições dele. Ela narra uma briga entre os pais, na qual o pai reclama do fato da mãe trancar o único acesso do irmão ao quarto, o que causaria um risco, caso acontecesse algo à noite. Dora pensa nesse risco como um incêndio.

Em seguida, uma associação ao incêndio é recordada pela paciente: quando esteve na cidade em que os K. residiam, o pai afirmou ter medo de incêndio nas casas em consequência de raios.

Diante da afirmação de Dora de que o sonho aconteceu logo após o encontro dela com o sr. K. no lago, Freud compreende, então, que a motivação do sonho se deu através daquela vivência. Resta entender, então, o motivo da repetição do sonho.

Posteriormente ao passeio no lago, Dora cochilou no sofá da casa dos K. e, quando acordou, o sr. K. estava na sua frente. Freud associa essa informação com a visão que ela teve de seu pai no sonho. No dia decorrente do sonho, a garota se trancou para fazer o toalete, mas quando foi trancar novamente a porta para se deitar, não encontrou mais a chave. A suposição era que o sr. K. havia pegado a chave. O psicanalista reconhece a retomada do tema de trancar ou não trancar feita na primeira associação.

Eu suponho, ainda sem dizê-lo a Dora, que ela pegou esse elemento devido ao seu significado simbólico. "Quartos" [Zimmer], em sonhos, frequentemente representam "mulheres" [Frauen{immer, palavra um pouco pejorativa, literalmente "aposentos de mulheres"], e não é indiferente, claro, que uma mulher esteja "aberta" ou "fechada". Também é notório qual a chave que "abre" nesse caso.¹¹⁸

O fragmento do sonho "eu me visto rapidamente" é explicado pelo fato de Dora se vestir rapidamente enquanto estava na casa do sr. K., para evitar que ele a visse.

¹¹⁷ FREUD, S. op. cit.,1901-1905. p. 246.

¹¹⁸ FREUD, S. op. cit.,1901-1905. p. 249 (nota de rodapé).

Através do entendimento do conteúdo do capítulo anterior, em que o sonho possui uma motivação, uma intenção, entende-se também que ela se mantém constante, enquanto não é satisfeita. Portanto, ao analisar o fragmento do sonho “*assim que estou fora, acordo*”, Freud nota a inversão no que Dora dizia, uma vez que ela diz a si mesma “não tenho sossego, não conseguirei dormir sossegada enquanto não deixar esta casa”.¹¹⁹ Durante a descrição do trabalho do sonho na obra *A Interpretação dos sonhos*, Freud discorre sobre o mecanismo de inversão que o sonho realiza para disfarçar o desejo. O psicanalista relata que

Em alguns casos, chegamos ao sentido do sonho apenas quando submetemos seu conteúdo a várias inversões em aspectos diversos.¹²⁰

Seguindo na decomposição do sonho, as ligações trazida sobre a caixa de jóias são: as jóias que o pai presenteava à mãe da garota; o seu gosto por jóias; a briga de seus pais por um brinco de gotas desejado pela mulher que, em vez deles, ganhou uma pulseira; uma caixinha de jóias que ganhou do sr. K. Importante mencionar que o psicanalista percebe que Dora hesitou e não aprofundou o conteúdo que diz respeito à caixa de jóias, o que indica um conteúdo recalcado de maneira acentuada.

Freud diz para a sua paciente sobre retribuir o sr. K., já que ele a presenteia com uma caixa de jóias. Ele também ressalta o significado da caixinha de jóias ser o mesmo que a bolsinha que ela possuía¹²¹, significado que correspondia ao genital feminino. Logo que Dora diz “sabia que o senhor ia dizer isso”, o psicanalista consolida ainda mais o sentido do sonho, dado que a fala da garota afirma que ela sabia do significado da caixa de jóias.

Então, o sonho possui como significado o seguinte pensamento de Dora: *'Esse homem está atrás de mim, ele quer penetrar em meu quarto, minha caixa de jóias está em perigo; se acontecer algo, a culpa será de papai'*.¹²² Durante o sonho, esse conteúdo aparece de forma contrária, na qual o pai a salva. A mãe está presente no sonho através do ocorrido com os brincos que ela queria, tendo recebido do pai de Dora uma pulseira no lugar deles. A mãe é a sua rival inicial pelo amor do pai e, por isso, através do ocorrido, Dora gostaria de receber o que a mãe rejeitou. Fazendo uma troca de palavras, o psicanalista afirma que a garota gostaria de dar ao pai algo que a mãe não lhe deu. Concomitante a esse pensamento, temos o presente que o sr. K. deu para Dora, o que a leva a entender a pessoa em pé ao lado da cama: o sr. K. toma o lugar do pai. Nesse momento entra a indicação de Freud sobre “presentear de volta”,

¹¹⁹ FREUD, S. op. cit.,1901-1905. p. 250.

¹²⁰ FREUD, S. op. cit.,1900. p. 370.

¹²¹Adiante, falarei sobre essa bolsinha.

¹²² FREUD, S. op. cit.,1901-1905. p. 253.

pois como o sr. K lhe dera uma caixa de jóias, Dora precisa dar sua “caixa de jóias” ao homem. A mãe é substituída pela sra. K. e, portanto, Dora dará ao sr. K. aquilo que sua esposa lhe recusou. Freud aponta esse como o pensamento que é recalçado e responsável por transformar todo o conteúdo do sonho em seu contrário, revivendo o antigo amor ao pai para se proteger do amor ao sr. K. O medo de Dora é pelo risco de se ceder ao homem, o que mostra a intensidade do amor, relata o psicanalista.

Como já foi analisado no capítulo anterior desta pesquisa, o sonho se baseia em um motivo atual e também um motivo da infância. Essa ligação entre as vivências tem como objetivo transformar o presente com base no passado. Na obra *A interpretação dos sonhos*, Freud declara que os desejos infantis são a origem dos sonhos, trazendo a infância para a vida adulta.

Para compreender qual seria essa vivência infantil que está presente no sonho de sua paciente, Freud faz um experimento. Com uma caixa de fósforo sobre a mesa, o psicanalista pergunta para Dora se ela sabe o motivo de crianças não poderem brincar com fósforos; ela responde que é perigoso por causa do fogo. O psicanalista acrescenta mais um motivo: a crença que diz que se a criança brincar com fogo, ela *molha* a cama. O contraste de fogo e água aparece no sonho na medida em que a mãe teme que a caixa de jóias *queime*; o pensamento onírico quer que a “caixa de jóias” não fique *molhada*. O fogo também representa a paixão, o amor. Em um outro sentido, a água possui conexão com o amor, amor que, como diz Freud, “que também deixa molhada”.¹²³ Fazendo alusão à infância, o vínculo com o “molhada” se dá pela necessidade física de urinar. Freud levanta o seguinte entendimento: para que a criança não molhe a cama, é necessário que ela seja acordada à noite, do mesmo modo que o pai de Dora a acorda no sonho, o que justifica a substituição do sr. K. pelo pai no sonho. O psicanalista supõe que a garota urinou por mais tempo na cama do que o comum na infância, o que é confirmado pela garota.

Um adendo é feito na interpretação do sonho, através de uma informação posterior da paciente, em que ela sentia o cheiro de cigarro quando acordava do sonho. Isso remete ao fato de que o pai e o sr. K. fumavam e significa que Dora, através do primeiro beijo recebido do sr. K., necessita se defender do desejo de beijá-lo novamente, o que justifica o nojo sentido na época. Uma explicação para o retorno desse sonho durante o tratamento é a possível transferência desse desejo de beijar para o psicanalista, já que ele também era fumante.

¹²³ FREUD, S. op. cit., 1901-1905. p. 256.

Freud evidencia a enurese, dado que ela possui um sentido em pessoas neuróticas. Além disso, ele a classifica como uma consequência da masturbação.

Dora acusava o pai de seu adoecimento. Contudo, atrás dessa acusação, há a autoacusação e, supõe o psicanalista, a leucorreia¹²⁴ em meninas corresponderia à masturbação, a qual provavelmente teria ocorrido na infância.

Um ponto importante para sustentar essa tese se dá em um fato apresentado por Freud, no qual a garota leva uma bolsinha e, durante a sessão, ela abria e fechava a bolsa, colocando um dedo dentro dela entre um movimento e outro. Isso é um ato sintomático, pois ocorre de modo inconsciente, diz o psicanalista. Contudo, esses sintomas histéricos não se apresentam durante o período em que há a masturbação, mas sim, na falta dela, uma vez que o sintoma age como substituto dessa satisfação.¹²⁵

Finalizando a interpretação sobre o primeiro sonho de Dora, é preciso definir qual o desejo da infância que é satisfeito. O desejo é a substituição do pai pelo sr. K. e o que o liga às questões infantis é a sexualidade precoce e seus encadeamentos, que foram mencionados anteriormente: enurese, leucorreia e nojo. O que está em jogo, diante dessa situação, são duas linhas de comportamento a serem seguidas:

ou o abandono completo e sem resistências à sexualidade, beirando a perversão, ou a reação de repúdio a ela, com adoecimento neurótico. Em nossa paciente, a constituição e o alto nível da educação intelectual e moral decidiram em favor da segunda alternativa.¹²⁶

Agora, iremos comentar o segundo sonho de Dora, que ocorreu algumas semanas depois do primeiro.

"Estou passeando numa cidade que não conheço, vejo ruas e praças que são novas para mim. Chego a casa onde moro, subo para meu quarto e lá encontro uma carta de mamãe. Ela diz que, como eu saí de casa sem meus pais saberem, ela não queria me escrever dizendo que papai estava doente. Agora ele está morto, e, se você quiser, pode vir. Vou para a estação de trens e pergunto umas cem vezes: 'Onde é a estação?'. Sempre me respondem: 'Cinco minutos'. Então vejo um bosque cerrado à minha frente, entro nele e lá pergunto a um homem que encontro. Ele me diz: 'Mais duas horas e meia'. Ele se oferece para me acompanhar. Eu recuso e vou só. Vejo a estação de trens [Bahnhof] à minha frente e não posso alcançá-la. Nisso há a sensação de angústia habitual, quando não podemos seguir adiante nos sonhos. Então me acho em casa, devo ter andado de trem, mas não sei nada

¹²⁴ O termo "catarro" também é utilizado para se referir a leucorreia

¹²⁵ FREUD, S. op. cit., 1901-1905. p. 262.

¹²⁶ FREUD, S. op. cit., 1901-1905. p. 276.

sobre isso. - Entro no cubículo do porteiro e lhe pergunto por nosso apartamento. A criada abre a porta e responde: 'Sua mãe e os outros já estão no cemitério [Friedhof]' ¹²⁷

A cidade retratada nesse sonho é das imagens de um álbum que Dora ganhou de um garoto, o qual, supõe-se, que gostaria de se candidatar para ser o parceiro da menina. Esse álbum foi utilizado um dia anterior ao sonho, quando ela o mostra aos seus parentes.

A parte do sonho “*Ela pergunta umas cem vezes*” refere-se também ao dia anterior ao sonho, no qual a família de Dora recebeu visitas e o pai pede uma bebida. Para abrir o aparador, a garota recorre à mãe para pedir-lhe a chave, Esta não lhe responde de imediato, o que gera a seguinte fala da filha “já lhe perguntei cem vezes onde está a chave”. Este trecho é importante para darmos atenção à frase “onde está a chave”, a qual Freud chama de contrapartida masculina da pergunta que ocorre no primeiro sonho “onde está a caixa”. Então, notamos a referência à partes íntimas.

A morte do pai retoma um acontecimento do dia anterior, em que um homem faz um brinde ao pai, desejando-lhe saúde, mas como Dora sabia, ele estava doente. A carta em que a mãe conta da morte do pai retoma a carta de despedida da garota, escrita para o pai, com o objetivo de chamar a atenção e assustá-lo. A fantasia presente no sonho seria a vingança contra o pai, deixando-o sofrendo com a ausência da garota, uma vez que somente Dora compreendia as necessidades do pai, sugere o psicanalista.

Nesse ponto, Freud resgata o episódio do lago e a parte do sonho que propõe essa volta são as palavras “se você quiser”, devido a uma carta da sra. K., que utiliza as mesmas palavras para convidá-la para ir à cidade em que ficava o lago.

Partindo dessa ideia, Dora relata novamente a cena. A novidade do primeiro relato para esse é a frase do sr. K. “você sabe que eu nada tenho com a minha mulher”. Durante a volta, a menina encontrou com um *homem e perguntou a distância do caminho* entre o lago e a cidade e recebe a resposta “*duas horas e meia*”, pontos também encontrados no sonho. Além dessas associações, há a semelhança entre o bosque do sonho e o lago. Diante dessas conexões, o psicanalista propõe:

Agora, uma suspeita minha se tornava certeza. O uso "estação de trens [Bahnhof, literalmente "pátio de trens"] e "cemitério [Friedhof, literalmente "pátio da paz"], no lugar dos genitais femininos [...].¹²⁸

¹²⁷ FREUD, S. op. cit.,1901-1905. p. 284-285.

¹²⁸FREUD, S. op. cit.,1901-1905. p. 291

Através da interpretação, essa parte do sonho corresponde, declara Freud, a uma fantasia do homem buscando a penetração no genital feminino.

Há o acréscimo de uma parte do sonho que havia sido esquecida por Dora: *"Ela vai tranquilamente para seu quarto e se põe a ler um livro grande que está sobre a escrivaninha"*.¹²⁹ O destaque à tranquilidade de se ler um conteúdo proibido em uma grande enciclopédia ocorre pois o pai estava morto e todos estavam fora de casa e, assim, o sonho satisfaz o desejo da leitura sossegada.

Outro adendo ao sonho : *"Ela se vê subindo a escada muito claramente"*. A informação trazida pela paciente, diante dessa frase, é que ela tinha uma certa dificuldade de andar por conta da cirurgia de apendicite. No entanto, médicos confirmaram que não havia interferência, o que leva à conclusão de que era um sintoma histérico. Para compreender a origem do sintoma, o psicanalista utiliza o tempo, no qual revela que a apendicite aconteceu nove meses depois da cena do lago, o que significa que a apendicite era a fantasia de um parto. Essa fantasia implica o entendimento de que a garota ainda possui sentimentos pelo sr. K., sentimentos que não cessaram após o episódio do lago.

É assim que alguém anda quando torce um pé. Portanto, ela havia dado um "mau passo", o que era certo se podia dar à luz nove meses após a cena do lago.¹³⁰

O sintoma, para Freud, necessita de uma base infantil. É o que se desenrola nesse caso, pois Dora torcera o pé na infância.

Na última sessão, a paciente diz que há duas semanas havia decidido parar com o tratamento. O período de tempo da decisão de Dora faz alusão a um aviso prévio. Com o enfoque dado por Freud sobre o aviso prévio, Dora comenta sobre uma preceptora da casa dos K. que havia dado um aviso prévio. Essa preceptora lhe contara que o sr. K. havia se aproximado dela com intenções e sua justificativa era de que "nada tinha com sua esposa", as mesmas palavras ditas por ele para Dora, no lago.

Através dessa informação, Freud afirma que o tapa que Dora dá no sr. K. na cena do lago não é motivado pelo sentimento de ofensa pela inconveniência, mas por ciúme, por ter sido tratada do mesmo modo preceptora.

¹²⁹ FREUD, S. op. cit.,1901-1905. p. 292.

¹³⁰ FREUD, S. op. cit.,1901-1905. p. 296.

Diante dessa interpretação, é visível, de acordo com o psicanalista, que o amor e a relação com o sr. K. eram mais significativos do que a paciente admitia.

Através dos relatos dos sonhos e das interpretações feitas sobre eles, percebe-se como essa ferramenta auxilia no tratamento das neuroses, uma vez que os sonhos possuem como motor os desejos inconscientes, o mesmo conteúdo responsável pelos sintomas histéricos. Segundo Soria (2008),

A partir de dois sonhos contados por sua paciente, [Freud] mostra-nos como a interpretação de elementos oníricos é inserida na arte psicanalítica, ou como podemos trabalhar a fantasia em análise (uma vez que fantasia e sonho encontram-se lado a lado). Para isso, tem-se de trazer à luz o desejo infantil recalcado.¹³¹

Utilizando esse caso de histeria, nota-se que há uma transferência do objeto desejado, já que a satisfação do desejo real é impossibilitada. Então, a fantasia sobressai, substituindo o trauma. Esse é um traço importante nas neuroses, destaca o psicanalista. Silva e Santiago (2017) entendem que

Por sua dimensão onírica e imaginária, as fantasias acabam constituindo uma nova realidade como uma espécie de proteção à realidade insatisfatória, funcionando como realização de desejo.¹³²

A histeria de Dora traz um primeiro indício de bissexualidade, que aparece, como vimos, no fim da análise do quadro clínico da garota.¹³³ Freud não se aprofunda nesse tema, mas expõe, em sua análise, os momentos em que ela surge e a sua relação com o sintoma.

Conclui-se, através das abordagens de Freud diante o caso Dora, que a função da psicanálise é o diagnóstico e a possível cura dos sintomas das neuroses, em especial da histeria aqui abordada, entendendo que os sintomas são o resultado de desejos investidos de afeto, que foram recalcados através de um trauma ocorrido na infância. Esses desejos possuem origem infantil e, na tentativa de descarregar esse investimento, eles se valem da conversão, manifestando-se como sintomas histéricos. Sobre esse trabalho feito por Freud acerca das neuroses, Soria (2008) entende que

ele não está no fato de descrever métodos eficazes para a cura de uma certa enfermidade, tampouco no de apresentar de modo fidedigno a

¹³¹ SORIA, A. C. S. (2008). O “caso Dora”: algumas considerações acerca da sua redação. *Cadernos De Filosofia Alemã: Crítica E Modernidade*, (11), p. 90.

¹³² SILVA, V. C.; SANTIAGO, J. Do “Embelezamento dos Fatos” à “Cicatriz”: Uma Investigação sobre a Fantasia em Freud. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* [online]. v. 33, 2017.p. 3.

¹³³ SORIA, A. C. S. (2008). O “caso Dora”: algumas considerações acerca da sua redação. *Cadernos De Filosofia Alemã: Crítica E Modernidade*, (11), p. 90.

atividade clínica, mas em oferecer ao leitor o modelo geral prototípico que o ajudará na compreensão do diagnóstico dos mais diversos casos.¹³⁴

Assim como em sonhos de pessoas sem nenhuma neurose, os sonhos de pessoas histéricas são formados a partir dos desejos inconscientes, ocultos, recalcados e, com o mecanismo da interpretação dos sonhos, há a identificação desse desejo. Podemos, assim, identificar, mediante o contexto específico da histeria, o modo como Freud sustenta a importância e aplicabilidade da relação entre desejo e sonho para a compreensão das psiconeuroses.

¹³⁴ SORIA, A. C. S. (2008). O “caso Dora”: algumas considerações acerca da sua redação. *Cadernos De Filosofia Alemã: Crítica E Modernidade*, (11),p. 97.

5. Considerações finais

O percurso realizado na obra *A interpretação dos sonhos*, com base no desenvolvimento da pesquisa sobre o sonho, a defesa de que ele possui um sentido, o sonho modelo da Injeção de Irma e sua análise, levam a entender que esse sonho possui como objetivo a realização de um desejo.

Através dessa conclusão, Freud utiliza-se de outras interpretações de sonhos para justificar que todos os sonhos possuem um motor, um impulsionador, o desejo.

No *Projeto*, o psicanalista já abordava o conceito de desejo, que é compreendido por meio da experiência de satisfação. Nela, são apresentadas a relação entre necessidade e objeto e a facilitação que é formada através da primeira vivência de satisfação. Quando a necessidade se estabelece novamente, essa mesma via facilitada é utilizada para reviver a primeira satisfação realizada. Isso é, para Freud, o desejo.

Entendido que os sonhos são realizações de desejos, a tese que se segue é a de que esses desejos são de origem inconsciente. Esses desejos se encontram no inconsciente pois foram recalçados. Com o objetivo de satisfação, os sonhos fazem o caminho regressivo no aparelho psíquico, proposto na primeira tópica, na qual ocorre a alucinação.

Para que esses desejos não se coloquem de modo explícito, o sonho possui alguns trabalhos a fim de tornar o conteúdo obscuro. Então, temos nos sonhos os conteúdos manifestos e os conteúdos latentes.

Como é apresentado na obra *Análise fragmentária de uma histeria* “O caso Dora”, esse trabalho escolhido para disfarçar o desejo nunca é aleatório. Assim como os sintomas nas neuroses, há uma relação com o desejo recalçado.

O desejo infantil recalçado é a fonte principal dos sonhos e, assim como no “caso Dora”, os sintomas histéricos provêm desse desejo infantil recalçado que procura ser descarregado.

Na histeria, há a conversão do desejo, o que promove o sintoma. Um trauma, no qual a sexualidade é inserida precocemente na infância, é responsável por uma inversão de afeto.

O trabalho da interpretação dos sonhos se mostra muito importante, na medida em que, compreendendo que o sonho é o caminho em que o desejo se apresenta e o desejo

também é a causa dos sintomas presentes nas psiconeuroses, a análise dos sonhos é uma ponte para o tratamento desses pacientes, uma vez que ela tem como função desvendar os desejos inconscientes recalçados.

O desejo, portanto, se faz presente desde a primeira infância e, o seu papel no psíquico é central, dado que a metapsicologia se baseia em seu conceito para explicar, desde a vivência de satisfação, passando pelo sonho e seu principal motor, chegando às neuroses e à motivação dos seus sintomas. Segundo Freud, é pelo desejo que tem lugar o movimento do aparelho psíquico.

6. Bibliografia

CAROPRESO, F. *Dor e desejo na teoria freudiana do aparelho psíquico e das neuroses*. Rev. Filos. Aurora, Curitiba, v. 21, n. 29, p. 569-590, jul./dez. 2009.

CAROPRESO, F. *Representação, atenção e consciência na primeira teoria freudiana do aparelho psíquico*. Nat. hum. v.10. n.1 São Paulo jun. 2008.

CASTIEL, S.; SIBEMBERG, A. et al. *Defesa e trauma: do projeto à atualidade*. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica [online]. v. 15, 2012.

FREUD, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. Volume 4. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, S.(1901-1905). *Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”)*. Volume 6. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. (1895). *Projeto de uma psicologia para neurólogos*. Trad.sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GARCIA-ROZA, L. *Introdução à metapsicologia freudiana 2: A interpretação dos sonhos*. Ed. 8. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LAPLANCHE & J.-B. PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1967/2008.

MEZAN, R. Freud: *A Trama dos conceitos*. Ed. Perspectiva, 4ª edição, 2008.

MONZANI, L. R. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp.

SILVA, V. C.;SANTIAGO, J. *Do “Embelezamento dos Fatos” à “Cicatriz”: Uma Investigação sobre a Fantasia em Freud*. Psicologia: Teoria e Pesquisa [online]. v. 33, 2017.

SORIA, A. C. S. (2008). *O “caso Dora”: algumas considerações acerca da sua redação*. Cadernos De Filosofia Alemã: Crítica E Modernidade, (11).



ARIANY ANDRIOLO PEDROSO

PLANO DE CURSO PARA DISCIPLINA DE FILOSOFIA

Plano de Curso de Filosofia para o ensino médio apresentado ao Colegiado do Curso de Filosofia, como parte das exigências do curso de Filosofia, para a obtenção do título de Licenciada.

Profª. Dra. Léa Carneiro Silveira
Orientadora

LAVRAS – MG
2022

PLANO DE CURSO

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta para o ensino das ciências humanas, cito em especial a filosofia, aprendizagens com uma perspectiva que visa uma formação ética, de liberdade, pensamento, justiça e propiciar aos alunos a prática de organizar diálogos.

Através do conhecimento obtido nas aulas, estima-se que os estudantes consigam construir argumentos, teses com uma boa estruturação de defesa e fontes.

Há também a ideia de que, através das ciências humanas, a juventude se assume como principal e ativa, conseguindo assim impulsionar em exercícios e áreas diferentes como: tecnologia, arte, escrita e observação.

A escola, juntamente com o ensino de filosofia traz como objetivo mostrar aos estudantes tópicos, questões e suas possíveis contestações. As categorias apresentadas nas ciências humanas são: “Tempo e Espaço; Territórios e Fronteiras; Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética; e Política e Trabalho”.

Uma maneira de demonstrar o início e o porquê das ciências humanas tratarem essas categorias é pela busca do que é o ser humano, qual o seu objetivo, o que nos faz comuns, independente da singularidade e personalidade, mostrando a necessidade humana da vivência em sociedade.

No Currículo Básico Comum (CBC), alguns tópicos são trazidos, mostrando como o ensino de filosofia desenvolve nos alunos algumas capacidades críticas, intelectuais e reflexivas. São elas: **Perceber** o que acontece em seu convívio, saber diferenciar acontecimentos; **Problematizar**, questionar o que é trazido como verdade única e inquestionável; **Refletir** de maneira a pensar sobre seus próprios pensamentos; **Conceituar**, criar através do pensamento e experiências vividas; **Argumentar** para defender suas teses, ideias ou para criticar, ou seja, justificar seu pensamento.

Tendo em vista essas perspectivas sobre a sala de aula, o plano de curso proposto possui como objetivo englobar as questões colocadas acima. Inicialmente, no primeiro bimestre, trabalharemos com uma introdução à filosofia, trazendo olhar filosófico, mobilizando problemas, análises reflexivas, posicionamento crítico, defesa de ideias e compreensão da importância do conhecimento. Para isso, utilizarei Platão e Aristóteles,

abordando vida e obra, pontuando a teoria das ideias e a alegoria da caverna, em Platão e abordando a teoria do conhecimento, metafísica e lógica em Aristóteles.

No segundo bimestre, entraremos com o tema da ética, trazendo os conceitos de dever, moral, vontade, razão e lei, com base nas ideias de Hume e Kant. O objetivo desse bimestre será a inserção de um olhar crítico-reflexivo nas alunas e nos alunos sobre questões éticas atuais, baseado nos conceitos filosóficos apresentados.

Seguindo para o terceiro bimestre, trabalharemos Beauvoir e Sartre, com o intuito de promover aos estudantes discussões acerca do existencialismo e do feminismo. Para isso, serão promovidas atividades envolvendo questões do dia a dia das alunas e dos alunos, para que elas e eles possam visualizar a inserção da filosofia para além da sala de aula. A presença da filosofia no Ensino Médio possui um papel fundamental, não só para a formação do aluno para o mercado de trabalho, mas também situá-lo sobre a sua vivência, seu contexto social que está sempre em mudanças.

Por fim, no último bimestre, abordaremos a teoria psicanalítica e a sua contribuição para a filosofia. O autor principal será Freud e, através de suas teses, entenderemos um pouco mais dessa vertente de compreensão da psique humana e suas implicações.

As metodologias ativas são implantadas com o intuito de auxiliar no ensino e aprendizagem, propondo processos interativos, instigando no aluno e na aluna a vontade de aprender. Em suas características estão presentes: interação, pesquisas, análises, problematização, decisões. Esses aspectos são voltados para a vida social e os problemas encontrados em determinados conceitos. O papel do professor e da professora é o de orientar e conduzir o aluno para que ele alcance essa autonomia no aprendizado.

Diante dos pontos destacados, o plano de curso proposto pretende desenvolver as competências apontadas pela BNCC, levando para os e as estudantes a reflexão das questões que envolvem o cotidiano, através de um olhar e embasamento filosófico. Utilizarei metodologias ativas para promover a autonomia dos alunos diante dos conteúdos que serão apresentados durante os quatro bimestres.

ESTRUTURA DO PLANO DE CURSO

Turma: primeiro ano do ensino médio regular

Primeiro bimestre

Tema/ Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> ● Para quê filosofia (Introdução) <p style="margin-left: 40px;">Platão - Vida; obra; teoria das ideias e alegoria da caverna.</p> <p style="margin-left: 40px;">Aristóteles - Vida; obra; teoria do conhecimento; metafísica e lógica.</p>
Competências	<p>Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles (p.559)</p>
Habilidades	<p>(EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. (p. 560)</p>
Metodologias ativas	<p>- just-in-time teaching - Após a aula introdutória, os alunos enviarão, por escrito, um feedback sobre a aula, os pontos que consideram importantes, o que entenderam e as possíveis dúvidas. Com esse material, a professora ou o professor saberá os pontos que precisam ser retomados e os que foram bem compreendidos.</p> <p>- Instrução por pares - Com o feedback colhido através do just-in-time, a professora ou o professor criará perguntas referentes à aula. Se o número de acertos for maior que 70%, apenas será explicado o conteúdo da resposta e partiremos para a próxima questão. Caso o número de acertos venha a ser inferior a 70%, as alunas e os alunos se reunirão em grupos e irão discutir sobre a questão e respondê-la novamente.</p>

<p>Dinâmica das aulas</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura do material; - Exposição dos tópicos principais para a explicação do tema - Teoria das ideias, alegoria da caverna, teoria do conhecimento, metafísica e lógica; - Organização dos temas conforme o feedback dos alunos (metodologia just-in-time teaching); - Roda de conversa para a discussão e vínculo de problemas atuais com os conteúdos tratados em sala - Serão levadas para a sala de aula questões de sensibilização como por exemplo “fake news”, com o objetivo de englobar o tema “teoria do conhecimento”; - Dinâmica de perguntas e respostas com o auxílio de colegas (metodologia instrução por pares) - As perguntas serão: O que é o mundo sensível para Platão? O que é o mundo inteligível para Platão? Qual o objetivo da alegoria da caverna? Quais as diferenças entre o pensamento de Platão e Aristóteles? Quais os princípios lógicos abordados por Aristóteles? - Realização de atividades - trabalho escrito sobre a roda de conversa e prova avaliativa.
<p>Material utilizado</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro; - giz; - folhas sulfites.
<p>Métodos avaliativos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalho escrito referente aos debates da roda de conversa; - Participação em aula e no debate; - Prova avaliativa referente ao conteúdo do bimestre.

<p>Referências bibliográficas</p>	<p>ANGIONI, Lucas. Aristóteles, Metafísica. Livros I, II e III. 2008. (Livro I).</p> <p>ARANHA, Maria Lúcia Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. Filosofando: Introdução à Filosofia. 6ª ed. São Paulo: Moderna, 2016.</p> <p>BRASIL: Base Nacional Comum Curricular - 3ª versão. SEB/MEC, Brasília, DF, 2017.</p> <p>CHAUI, Marilena. Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.</p> <p>DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia?. Trad. Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. 3. Ed. São Paulo: Editora 34, 2010.</p> <p>PLATÃO. A República. 7. ed. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.(Livro VII).</p> <p>ZINGANO, M. Platão e Aristóteles: O fascínio da filosofia. São Paulo: Odysseus,2002.</p>
--	--

segundo bimestre

<p>Tema/ Conteúdo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ética <ul style="list-style-type: none"> Hume - Vida; obra; vontade; paixões; moral; razão. Kant - Vida; obra; vontade boa; código moral; dever; motivação; lei.
<p>Competências</p>	<p>Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. (p. 564)</p>

Habilidades	<p>(EM13CHS501) Compreender e analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a autonomia e o poder de decisão (vontade). (p. 564)</p> <p>(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas. (p. 564)</p>
Metodologias ativas	<ul style="list-style-type: none"> - pesquisa - preparação do júri simulado; - dramatização e simulação (júri simulado).
Dinâmica das aulas	<ul style="list-style-type: none"> - Aulas introdutórias sobre ética e as teses centrais dos filósofos Kant e Hume - Vontade; paixões; moral; razão; Vontade boa; código moral; dever; motivação; lei; - pesquisa dos alunos para a base do júri simulado; - Realização da dinâmica júri simulado.
Material utilizado	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro; - giz; - slides com temas das aulas, palavras chave e imagens ilustrativas.
Métodos avaliativos	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalho escrito individual referente a pesquisa; - Participação no júri simulado; - Prova avaliativa sobre o conteúdo trabalhado em sala de aula com os principais conceitos éticos na filosofia.

<p>Referências bibliográficas</p>	<p>BRASIL: Base Nacional Comum Curricular - 3ª versão. SEB/MEC, Brasília, DF, 2017.</p> <p>FERNANDES, P. Moral, ética e direito em Kant: Uma fundamentação para o dano moral e direitos humanos. Tese (Mestrado em Direito) – UNIVEM programa de pós-graduação em direito. Marília, p. 252. 2007.</p> <p>KANT, I. <i>Fundamentação da metafísica dos costumes</i>. Trad. Clélia A. Martins, Bruno Nadai, Diego Kosbiau e Monique Hulshof. Bragança Paulista: Vozes, 2013. (primeira e segunda seção)</p> <p>MURCHO, Desidério. Renovar o ensino da filosofia. Lisboa: Gradiva, 2003.</p>
--	---

Terceiro bimestre

<p>Tema/ Conteúdo</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● existencialismo e feminismo <p>Sartre - Vida; obra; essência e existência; ética.</p> <p>Beauvoir - Vida; obra; gênero; identificação; liberdade.</p>
<p>Competências</p>	<p>Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. (p. 558)</p> <p>Participar, pessoal e coletivamente, do debate público de forma consciente e qualificada, respeitando diferentes posições, com vistas a possibilitar escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (p. 558)</p>

Habilidades	<p>(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana (estilos de vida, valores, condutas etc.), desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade e preconceito, e propor ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às escolhas individuais. (p. 564)</p> <p>(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, para fundamentar a crítica à desigualdade entre indivíduos, grupos e sociedades e propor ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência dos jovens. (p. 565)</p>
Metodologias ativas	<ul style="list-style-type: none"> - Estudo de caso sobre desigualdade de gênero; - sala de aula invertida.
Dinâmica das aulas	<ul style="list-style-type: none"> - Pesquisa preliminar feita pelos alunos sobre a desigualdade de gênero; - Discussão do material apresentado pelos alunos; - Aulas introdutórias sobre existencialismo e feminismo - essência e existência; ética; liberdade. - Pesquisa em grupos sobre o tema do bimestre (orientada e acompanhada pela professora/professor); - Estudo de caso - será exposto um problema real pela professora/ professor; através dos conhecimentos adquiridos no bimestre, os alunos buscarão soluções. A estrutura argumentativa dessas soluções será avaliada; - Apresentação dos grupos ao fim do bimestre.
Material utilizado	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro; - giz; - imagens.
Métodos avaliativos	<ul style="list-style-type: none"> - Pesquisa preliminar sobre a desigualdade de gênero; - discussão sobre o estudo de caso; - Apresentação em grupo sobre as pesquisas feitas durante o bimestre.

Referências bibliográficas	<p>BRASIL: Base Nacional Comum Curricular - 3ª versão. SEB/MEC, Brasília, DF, 2017.</p> <p>BEAUVOIR, Simone. <i>O Segundo Sexo: A experiência vivida</i>. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. (Capítulo I - Infância e capítulo III - A vida social)</p> <p>SARTRE, J-P. “O Existencialismo é um humanismo”. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.</p>
-----------------------------------	--

Quarto bimestre

Tema/ Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> • Condição humana e psicanálise. <p>Freud - Vida; obra; introdução à psicanálise; aparelho psíquico.</p>
Competências	<p>Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles (p. 558)</p>
Habilidades	<p>(EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. (p. 560)</p>
Metodologias ativas	<ul style="list-style-type: none"> - pesquisa - Formação da personalidade humana, segundo Freud; - mapa conceitual - será feito a partir dos conhecimentos adquiridos nas aulas e nas pesquisas em grupos; - instrução por pares.

<p>Dinâmica das aulas</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Aula expositiva sobre o início da psicanálise e aspectos gerais (aparelho psíquico, definição de consciente, pré-consciente e inconsciente, o método associação-livre); - Leitura de texto referente a teoria do aparelho psíquico. <i>A interpretação dos sonhos</i>, p.587-592; - pesquisa em grupo sobre o conteúdo do bimestre; - montagem individual de mapas conceituais; - Dinâmica com perguntas e respostas e discussão com colegas sobre o conteúdo e conceitos trabalhados no bimestre (metodologia instrução por pares); <p>As perguntas serão:</p> <p>O que a psicanálise estuda?</p> <p>O que é o método associação-livre?</p> <p>Os impulsos que formam os sonhos vêm de qual sistema do aparelho psíquico?</p>
<p>Material utilizado</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro; - folha sulfite; - slides com temas das aulas, palavras-chave, imagens ilustrativas e as perguntas das atividades.
<p>Métodos avaliativos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalho escrito individual referente à pesquisa; - Produto final do mapa conceitual; - Prova avaliativa sobre o conteúdo trabalhado no bimestre.
<p>Referências bibliográficas</p>	<p>BRASIL: Base Nacional Comum Curricular - 3ª versão. SEB/MEC, Brasília, DF, 2017.</p> <p>FREUD, S. (1900) “A interpretação dos sonhos”. Volume 4. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 558-662.</p> <p>FREUD, S. ([1895]1950) “Projeto de uma psicologia”. Em: GABBI JR., O. Notas a Projeto de uma Psicologia: As origens utilitaristas da psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2003.</p>

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Thaygra Severo et al. **O uso combinado das metodologias just-in-time teaching e peer instruction no ensino médio: uma proposta para o ensino de soluções.** *Redin-Revista Educacional Interdisciplinar*, v. 8, n. 1, 2019.

CARLESSO, J. P. P. **Debatendo a ética na pesquisa com seres humanos por meio de um júri simulado: relato de experiência.** *Educação em Perspectiva*, Viçosa, MG, v. 10, p. e019025, 2019.

GALLO, S.; KOHAN, W.O. (Org.). **Filosofia no ensino médio.** Petrópolis: Vozes, 2000.

GALLO, S. (2012 A), **“As múltiplas compreensões da filosofia e seu ensino” e “A filosofia como criação de conceitos”.** Capítulos 1 e 2 de *Metodologia do ensino da filosofia*. Campinas, SP: Papyrus, pp. 35-68.

MATTAR, J. **Metodologias ativas. Para educação presencial, blended e a distância.** São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.

MOTA, A.; WERNER DA ROSA, C. **Ensaio sobre metodologias ativas: reflexões e propostas.** *Revista Espaço Pedagógico*, v. 25, n. 2, p. 261-276, 28 maio 2018.

ROCHA, Henrique Martins; LEMOS, Washington de Macedo. **Metodologias ativas: do que estamos falando? Base conceitual e relato de pesquisa em andamento.** In: SIMPÓSIO PEDAGÓGICO E PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO, 9., set. 2014, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Associação Educacional Dom Bosco - AEDB, 2014.

VALENTE, José Armando. **Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida.** *Educar em revista*, p. 79-97, 2014.